

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

***O USO DO PRONOME 'ELES' COMO RECURSO DE  
INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO***

Elizete Maria de Souza  
2007

Elizete Maria de Souza

***O USO DO PRONOME 'ELES' COMO RECURSO DE  
INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO***

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística  
Linha de Pesquisa: Linha B - Estudo da Variação e Mudança Lingüística  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Dra. Jânia Martins Ramos (UFMG)**  
**Orientadora**

---

**Dra. Cláudia Nívia Roncarati de Souza (UFF/RJ)**

---

**Dr. Lorenzo Vitral (UFMG)**

---

**Dr. Fábio Bonfim Duarte (UFMG)**  
**Suplente**

*Dedico essa dissertação ao meu pai, que partiu no ano passado, e à minha mãe, que juntos sempre respeitaram minhas escolhas, tirando da própria força, a força que, muitas vezes, precisei.*

---

*AGRADECIMENTOS ESPECIAIS*

*À Deus, por iluminar minha vida*

À querida orientadora, professora e pesquisadora Dra. Jânia Martins Ramos

Muitos cruzam nosso caminho, poucos seguem conosco lado-a-lado.

Agradeço-lhe pela orientação segura, serena e acima de tudo cuidadosa, pela busca exaustiva de resultados, pela dedicação, atenção e confiança. Obrigada por compartilhar comigo seu vasto conhecimento, suas experiências acadêmicas, seus livros, por me permitir errar e acertar sem que eu me desanimasse. Obrigada pelas valiosas sugestões e indicações bibliográficas. Tenho certeza. Esse período de convivência e de pesquisa fará sempre diferença na minha vida profissional!

Aos meus pais, e queridas irmãs

Ainda que você, pai, não esteja mais entre nós, o seu amor e seus exemplos jamais serão esquecidos! À minha mãe, que no silêncio de suas preces e na presença do dia-a-dia, me fortalece. Queridas irmãs, parte de mim, obrigada pelo incentivo, pelo apoio incondicional, compreensão em todos os momentos e por tudo mais que o amor de vocês representa pra mim; queridos sobrinhos, Lucas e Gui, que me proporcionam momentos maravilhosos. Sem o amor e a compreensão de todos vocês essa conquista não seria tão especial.

## ***AGRADECIMENTOS NÃO MENOS ESPECIAIS***

---

A cada conquista Deus tem me presenteado com a possibilidade de compartilhar minhas experiências com pessoas maravilhosas.

À diretoria da Faculdade de Letras, Dr. Jacyntho L. Brandão e Dr. Wander Emediato; ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Dr. Luiz Francisco Dias.

À professora Dra. Sônia Maria de Melo Queiroz, que, ainda na graduação, orientou meus primeiros passos na área da pesquisa. Obrigada por fazer despertar em mim o gosto pela pesquisa; obrigada pelo incentivo constante, pelas longas conversas em seu gabinete e também pelo carinho e amizade.

Aos meus professores da Pós-Graduação: Dra. Jânia Ramos, por confiar no meu trabalho, dando-me a liberdade necessária para desenvolver esta pesquisa; Dra. Eunice Nicolau, parecerista da minha monografia de Bacharelado e também parecerista do meu projeto final de mestrado; Dr. Fábio Bonfim, pelo interesse e incentivo constantes, pelas inúmeras discussões acadêmicas, pelos materiais cedidos e pelas valiosas dicas, sugestões e indicações bibliográficas; Dr. Rui Rothe, pelas conversas e informações de ordem prática; Dr. Lorenzo Vitral, pela atenção e disponibilidade constantes.

Aos professores Dr. José Olímpio Magalhães, Dra. Maria do Carmo Viegas, Dra. Maria Cândida Seabra, Dra. Evelyne Dogliane e Dra. Rosane Berlink (UNESP), que tão prontamente atenderam minhas solicitações ao longo do mestrado.

Aos professores Dra. Cláudia Roncarati, Dr. Lorenzo Vitral e Dr. Fábio Bonfim, por aceitar fazer parte da banca examinadora e pelas sugestões na ocasião da defesa. À profa. Dra. Cláudia Roncarati, mais uma vez, pela gentileza de escrever o *abstract* desta dissertação.

Ao amigo Leonardo Eustáquio Araújo, pela gentil cessão das entrevistas constantes de sua dissertação de mestrado, pela amizade que construímos durante o curso, pelas discussões acadêmicas, pelas sugestões sobre os 'locativos', e também pela ajuda com o arquivo eletrônico desta dissertação .

Ao Alan Jardel, pela consultoria em estatística, pela leitura do capítulo IV, pelas valiosas dicas e sugestões para a interpretação dos resultados, além da amizade, disponibilidade e atenção.

Às amigas: Iara Lages, pela amizade sincera, pelo incentivo e apoio constantes, por me ajudar com algumas transcrições e por tantas discussões acadêmicas e não acadêmicas também; Lílian Teixeira, pelas longas conversas acadêmicas, pelas sugestões com o *Goldvarb*, pela paciência de ouvir minhas indagações ‘científicas’, que não foram poucas e pela cumplicidade durante o curso; Elaine Chaves, pela amizade, pelas sugestões e pela parceria que construímos sob a orientação da profa. Jânia; Ceriz Costa, pela ajuda constante, pela atenção e carinho, principalmente nos momentos em que a pesquisa parecia não ter fim; Juliana Moreira, pela disponibilidade, pelas conversas acadêmicas e pela alegria que nos contagia. À Carolina Ribeiro, pelas discussões sobre referencialidade, definitude e especificidade, pelo carinho e atenção.

À Carolina, Lílian, Juliana, Iara e ao Alan, pela leitura de várias partes desta dissertação. À Elaine Chaves, por ajudar a conferir as referências bibliográficas, e à Jânia Ramos, pelas incansáveis leituras e re-leituras deste trabalho.

Aos amigos do curso: Camila Tavares, Mônica Santos, Carolina e Ceriz, pela atenção e por me ajudarem com os informantes na primeira parte da pesquisa; Lidiane Coelho, pela ajuda relacionada ao COEP; Ricardo Machado, Ricardo Campos, Candice Fernandez, Geralda Souza, Larissa Ciríaco, Joviano Rezende, Adriana Altíssimo, Rosana Alves, Joana Angélica, Mário Garcia, Carlo Sandro, Luciene Braga, Maria Alice, Luisa Godoy, Ana Paula Mendes, Andréia Mendes, Rosiane Ferreira, Luciana, Bruna, Melina, Dany e Viviane por terem se tornado tão especiais ao longo do curso!

À Lílian, Juliana, Magali e ao Ronan, pelas várias acolhidas na República. *Thanks a lot!*

Aos amigos da POSLIT: Nilton Paiva, Rodrigo Viana, Rodrigo Pires, Luciano Neves, Vinícius Pimentel, Cristina Borges e Ana Araújo, por torcerem pelo meu sucesso. Obrigada pela atenção, pela amizade, pela companhia sempre agradável, principalmente nas viagens!

À Edivane, minha irmã, pela ajuda e dicas sobre informática.

Aos amigos de longa data: Marcelo do Vale, Nilson Damião, Fernanda Mansur; aos primos Wesley, Léo e Karine; à tia Ilda; à vó Maria. Obrigada por compreender a minha ausência em vários momentos, obrigada pelo carinho, incentivo e força. Ao amigo Roberto Polido, pela afinidade antes mesmo do vestibular em Letras.

Aos informantes que, além de contribuir lingüisticamente para a minha pesquisa, revelaram dados importantes de Belo Horizonte.

Aos funcionários da Faculdade de Letras, pela presteza. Em especial, agradeço ao Jair, aos funcionários do POSLIN e da Informática, pela ajuda, atenção e disponibilidade em todos os momentos.

Aos funcionários da E.M.J.M.A; ao diretor José Wilsom, à vice Denise Freitas e à professora Maria Alves, que muito contribuíram para o meu afastamento para o mestrado.

À SMED (Secretaria Municipal de Educação). Agradeço àqueles que, mesmo anonimamente, julgaram favorável meu pedido de licença para o mestrado.

À Prefeitura Municipal de Belo Horizonte pela licença remunerada, o que me permitiu horas profundas de intenso estudo.

*Entre o medo de dizer e não dizer, há  
sempre uma palavra que me escapa.*

(Elizete Souza)

**SUMÁRIO**


---

SUMÁRIO .....	10
LISTA DE ABREVIATURAS .....	13
ÍNDICE DAS FIGURAS .....	14
ÍNDICE DAS TABELAS.....	15
RESUMO .....	16
ABSTRACT.....	17

INTRODUÇÃO .....	18
------------------	----

**CAPÍTULO I – SOBRE A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

1.1. A indeterminação do sujeito na perspectiva da Gramática Tradicional.....	21
1.2. A indeterminação do sujeito na perspectiva da Sociolinguística .....	25
1.3. O conceito de indeterminação: elencando propriedades .....	33
1.3.1. A referência .....	33
1.3.2. A indeterminação .....	35
1.4. Considerações finais .....	39

**CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO**

2.1. Introdução ao quadro teórico .....	40
2.2. A concepção de língua e sua relevância para a Teoria da Variação .....	40
2.3. A diversidade e a sistematicidade da variação .....	42
2.4. A força dos fatores lingüísticos e sociais .....	43
2.5. Estudo de tendência e estudo de painel .....	44
2.6. Os problemas relacionados ao processo da mudança lingüística .....	48
2.7. Conclusão .....	49

### CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1.	Modelos de entrevistas: livre e sociolinguística .....	50
3.2.	Belo Horizonte: uma zona de confluência dos falares mineiros .....	50
3.2.1.	A formação sócio-histórica de Belo Horizonte .....	52
3.2.2.	A formação sócio-demográfica de Belo Horizonte.....	52
3.2.3.	A região de Venda Nova .....	53
3.2.4.	O dialeto mineiro e o falar belo-horizontino.....	55
3.3.	A dimensão das amostras .....	58
3.3.1.	A estratificação das amostras .....	59
3.4.	A escolha das variáveis .....	62
3.4.1.	A variável dependente.....	62
3.4.2.	As variáveis independentes.....	62
3.4.2.1.	Os fatores lingüísticos.....	62
3.4.2.2.	Os fatores sociais.....	69
3.5.	A codificação dos dados .....	70
3.6.	Sobre o programa de regras variáveis a ser utilizado na pesquisa.....	72
3.7.	Considerações finais.....	72

### CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1.	Introdução.....	73
4.1.1.	Detalhamento dos dados.....	74
4.2.	A variável dependente.....	75
4.3.	As variáveis internas.....	76
4.3.1.	Referência [ $\pm$ determinada] do sujeito .....	77
4.3.2.	Tipo de referência do SN antecedente retomado pela Variante ‘eles’ .....	78
4.3.3.	Traço [ $\pm$ humano] do sujeito.....	81
4.3.4.	Concordância de gênero e de número entre o pronome ‘eles’ e o SN antecedente.....	81

4.4.	As variáveis sociais.....	82
4.4.1.	O fator externo: escolaridade.....	82
4.4.2.	O fator externo: gênero do informante.....	83
4.4.3.	O fator externo: faixa etária do informante.....	84
4.4.3.1.	Análise da faixa etária com base na primeira rodada.....	84
4.5.	Considerações sobre a amostra de ‘BH’ .....	86
4.6.	Comparando amostras.....	87
4.6.1.	As variáveis internas.....	89
4.6.1.1.	O fator interno: referência [ $\pm$ determinada] do sujeito .....	89
4.6.1.2.	O fator interno: tipo de referência do SN antecedente.....	89
4.6.1.3.	O fator interno: tipo de oração.....	91
4.7.	Conclusões.....	92

## CAPÍTULO V – NOSSOS RESULTADOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

5.1.	Reflexões sobre a realização do Sujeito no PB.....	94
5.2.	A indeterminação e o preenchimento no PB.....	95
5.3.	Reinterpretando os resultados.....	96
5.3.1.	Hierarquia referencial e o Pronome ‘eles’.....	97
5.3.2.	Escala de preferências de uso do pronome ‘eles’ .....	98
5.3.3.	As Categorias de indeterminação .....	100
	CONCLUSÃO.....	102
	REFERÊNCIAS .....	104
	ANEXOS.....	109
	ANEXO 1.....	109
	ANEXO 2.....	110
	ANEXO 3.....	111
	ANEXO 4.....	113
	ANEXO 5.....	115

**LISTA DE ABREVIATURAS**

---

BH .....	Belo Horizonte
DID .....	Diálogo entre o documentador e o informante
E.M.J.M.A .....	Escola Municipal José Maria Alkimim
NUPEVAR .....	Núcleo de Pesquisa em Variação
SMED .....	Secretaria Municipal de Educação
PLAMBEL .....	Planejamento Metropolitano de Belo Horizonte
POSLIN .....	Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos
POSLIT .....	Pós-Graduação em Estudos Literários
PR .....	Peso Relativo
* .....	Agramatical
Ø .....	Vazio
'VN' .....	Venda Nova

## ÍNDICE DAS FIGURAS

---

Mapa 1:	Ocupação de Minas Gerais em três vias marcadas pela existência de três Falares no Estado .....	57
Quadro 1:	Estratificação da amostra de Belo Horizonte ‘BH’ .....	60
Quadro 2:	Estratificação da amostra de Venda Nova ‘VN’ .....	61
Quadro 3:	Codificação das Variantes.....	71
Quadro 4:	A Variável Dependente ... ..	73
Quadro 5:	Classificação das ocorrências com o pronome ‘eles’ .....	79
Hierarquia I.	Hierarquia Referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) .....	97
Hierarquia II.	Hierarquia Referencial incluindo os sujeitos indeterminados de 3 <sup>a</sup> . pessoa no masculino plural .....	98
Hierarquia III:	Hierarquia de traços do pronome ‘eles’ .....	99
Gráfico 1:	Realização do sujeito de 3 <sup>a</sup> . pessoa no masculino plural em suas formas nula e plena, ‘BH’ .....	76
Gráfico 2:	Efeito do fator indeterminação na realização do ‘eles’ pleno como sujeito .....	78
Gráfico 3:	Efeito da escolaridade no uso do ‘eles’ pleno, ‘BH’ .....	83
Gráfico 4:	Efeito da faixa etária no uso do ‘eles’ pleno, ‘BH’ .....	85
Gráfico 5:	Uso do pronome ‘eles’ como sujeito em duas áreas de Belo Horizonte .....	88
Gráfico 6:	Efeito da faixa etária nas duas amostras: ‘BH’ e ‘VN’ .....	92
Gráfico 7:	Efeito do tipo de referência do SN antecedente na indeterminação do sujeito através do pronome ‘eles’ .....	103

## ÍNDICE DAS TABELAS

---

Tabela 1:	Distribuição das ocorrências de 3ª. pessoa masculino plural em suas formas plena e nula, 'BH' .....	75
Tabela 2:	Efeito da referência [ $\pm$ determinado] do pronome 'eles' como sujeito .....	77
Tabela 3:	Ocorrência do pronome 'eles', conforme o tipo de referência do SN antecedente, BH .....	80
Tabela 4:	Efeito do fator escolaridade no uso do 'eles' pleno, 'BH' .....	82
Tabela 5:	Efeito da faixa etária no uso do 'eles' pleno, na amostra de 'BH' .....	84
Tabela 6:	Distribuição das ocorrências de 3ª. pessoa masculino plural, em suas Formas plena e nula, na década de 'VN' .....	87
Tabela 7:	Efeito do tipo de referência do SN antecedente na realização do pronome sujeito 'eles', 'VN' .....	89
Tabela 8:	Efeito do fator interno: tipo de oração .....	91
Tabela 9:	Frequência de sujeito lexicalmente realizado nas três pessoas do singular, no período de 1845-1992 .....	94

**RESUMO**

---

A necessidade de descrever uma gramática do português falado no Brasil (doravante PB) tem levado os lingüistas brasileiros a estudar criteriosamente inúmeros fenômenos em nossa língua, dentre eles a indeterminação do sujeito. O presente estudo investiga um dos recursos de indeterminação, a saber: o uso do pronome de 3<sup>a</sup>. pessoa masculino plural, em suas realizações plena e nula.

O construto teórico que deu suporte à pesquisa ancora-se, fundamentalmente, na Teoria da Variação, proposta por Labov (1972), bem como na concepção de uma teoria sobre a mudança lingüística desenvolvida, inicialmente, por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1994, 2001). Para análise quantitativa foi usado o programa *Goldvarb 2001*, versão organizada por Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001).

A pesquisa aqui realizada mostra que a variável analisada, ‘eles’ e ‘zero’ antes de verbo no plural é condicionada pelos fatores faixa etária, escolaridade, referência [ $\pm$ determinada] do sujeito, tipo de oração e tipo de referência do SN antecedente. Foi possível identificar quatro níveis de indeterminação do pronome ‘eles’, com base no último fator, a saber: locativo > coletivo > genérico > indefinido.

**ABSTRACT**

---

The necessity of describing a spoken Brazilian grammar has led Brazilian linguistics to study judiciously a wide variety of phenomena in our language, one of them, the indetermination of subject. The present study investigates one of the resources of indetermination: the use of the third person in the masculine plural, in its full and zero realizations.

The theoretical basis which supported the research relies fundamentally on the Variation Theory proposed by Labov (1972), as well on the conception of theory of linguistic change developed, at first, by Weinreich, Labov and Herzog (1968) and Labov (1994, 2001). For the quantitative analyses it has been used the Goldvarb 2001 version organized by Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001).

The research hereupon developed shows that the variable analysed – ‘they’ and ‘zero’, before plural verb, is conditioned by age range, schooling levels, subject reference [ $\pm$ determined], type of the sentence, and the NP antecedent reference. It could be possible to identify four levels of indetermination to ‘they’ pronoun based on the last factor: locative > coletive > generic > indefinite.

## INTRODUÇÃO

---

O objetivo do presente estudo é investigar o recurso de indeterminar o sujeito através do pronome ‘eles’ na fala de belorizontinos.

Nosso objeto de estudo será a ocorrência de formas nulas e plenas do pronome de 3ª. pessoa no masculino plural em contextos em que expressa sujeito indeterminado. Vejam-se abaixo dois tipos de realizações de sujeito indeterminado: (1) uma forma vazia [Ø] e (2) uma forma plena [eles]:

(1) a. *A história é que Ø explodiram um shopping.* (E.18-‘BH’)

b. *Ø tão achano que é o Clementino.* (E.18-‘BH’)

(2) a. *Eles falam que ele explodiu o shopping com um aparelhinho em forma de coração.*  
(E.18-‘BH’)

b. *A gente pensa que foi o padêro, eles tão achano que foi ele.* (E.18-‘BH’)

Os exemplos (1-2) sintetizam os tipos de ocorrências que serão analisadas neste estudo. Em (1), a expressão do sujeito indeterminado se dá pelo uso da 3ª. pessoa do plural, sem sujeito gramatical expreso, um recurso comum documentado pelos gramáticos; em (2), o pronome ‘eles’ ocupa a posição de sujeito indeterminado, quando era de se esperar a forma Ø, tal como em (1), segundo a prescrição dos gramáticos.

Com base nos exemplos (1) e (2), surgem as primeiras questões que se colocam neste estudo: (i) com que frequência o pronome ‘eles’ estaria sendo usado como recurso de

indeterminação do sujeito no dialeto analisado?; (ii) estaríamos aqui diante de um processo de mudança lingüística?

Por indeterminação entende-se aqui um recurso que permite a não especificação do sujeito de forma precisa, quer seja ele agente ou experienciador da ação verbal.

Esta dissertação compõe-se de cinco capítulos.

No capítulo I, apresento uma descrição dos recursos de indeterminação na perspectiva das gramáticas tradicionais e uma discussão lingüística sobre o assunto, destacando o quão limitada é a descrição dos gramáticos, que não contempla recursos como o uso do pronome ‘eles’ para expressar o sujeito indeterminado no Português Brasileiro atual (doravante PB). Busco, ainda, estabelecer alguns critérios para a identificação do sujeito indeterminado, uma vez que o conceito de indeterminação referido nas Gramáticas Tradicionais (GTs) não ultrapassa os limites pragmáticos, ou seja, há também razões de ordem sintática que condicionam a ocorrência de sujeitos indeterminados no português brasileiro.

No capítulo II, explico os pressupostos teóricos da Sociolingüística Variacionista que sustentam este estudo.

No capítulo III, apresento a metodologia adotada na pesquisa e explico a definição de alguns conceitos e critérios que justificam a escolha dos fatores controlados neste estudo, submetidos ao programa estatístico *Goldvarb2001*, utilizado na quantificação dos dados.

No capítulo IV, apresento os resultados da análise quantitativa da variação com vistas à apresentar os resultados relativos às amostras de duas áreas de Belo Horizonte: Belo Horizonte central (doravante ‘BH’) e Belo Horizonte periferia, (doravante ‘VN’<sup>1</sup>), estabelecendo uma comparação entre as duas amostras. Por fim, apresento as conclusões acerca do capítulo.

---

<sup>1</sup> ‘VN’ quer dizer: Venda Nova. Um detalhamento dessa região será apresentado no capítulo III.

O capítulo V é dedicado à discussão dos nossos resultados e suas contribuições à luz do que já se constatou sobre o português brasileiro contemporâneo. Um ponto importante a ser discutido neste capítulo diz respeito à escala de preferências de uso do pronome ‘eles’, que será contraposta à hierarquia referencial de pronomes em posição de sujeito, formulada por Cyrino, Duarte e Kato (2000). Nosso propósito será retomar essa hierarquia, de modo a inserir um detalhamento referente ao pronomes de 3<sup>a</sup>. pessoa masculino plural. Este capítulo também estabelecerá um diálogo com os trabalhos de Duarte (1993, 1995); Duarte & Lopes (2002), entre outros.

Por fim, apresento a conclusão dos resultados obtidos nesta pesquisa. Dessa forma, espera-se que o presente estudo possa contribuir para uma compreensão mais profunda do fenômeno de indeterminação do sujeito no português brasileiro atual, mostrando sua relação com o fenômeno de preenchimento do sujeito no PB.

## CAPÍTULO I

---

### 1. SOBRE A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Visito os fatos, não te encontro. Onde te ocultas, precária síntese, penhor de meu sono, luz dormindo acesa na varanda? Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo sobe ao ombro para contar-me a cidade dos homens completos.

(Drummond, C. A. 2004, p.119)

Este capítulo visa a fornecer um quadro do fenômeno de indeterminação do sujeito no português brasileiro de acordo com a perspectiva dos gramáticos, trazendo à tona a fragilidade dos conceitos de indeterminação encontrados na literatura que, em geral, são formulados sem a explicitação de critérios claros que ajudem a explicar o fenômeno de forma mais abrangente.

#### 1.1. A indeterminação do sujeito na perspectiva da Gramática Tradicional

As Gramáticas Tradicionais mostram que a língua portuguesa admite cinco recursos de indeterminação de sujeito (i-v), abaixo.

(i) – Pronome ‘se’ e verbo ativo na 3ª. pessoa do singular:

(3) *Precisa-se de faxineira.* (Rocha Lima, 1968, p.226)

(ii) - Verbo na 3ª. pessoa do plural, sem sujeito gramatical expresso:

(4) *Na rua olhavam-no com admiração.* ( Cegalla, 1994, p.296)

(iii) - Verbo no infinitivo impessoal:

(5) *É penoso carregar aquilo sozinho.* (Cegalla, 1994, p.96)

(iv) - Pronome indefinido: ninguém, alguém, tudo:

(6) *Ninguém chegou.*

(7) *Alguém bateu à porta.*

(8) *Tudo nos interessa.* (Rocha Lima, op. cit., p.227)

(v) – Pronome ‘a gente’ e verbo na 3ª. pessoa do singular:

(9) *A gente nunca sabe.* (Cuesta y Mendes, 1961, p.352)

Há ainda um sexto recurso, embora as gramáticas não lhe façam menção. Trata-se da forma pronominal de 3ª. pessoa masculino plural em sua realização plena – o pronome ‘eles’, que seria a contrapartida não nula de (4). Esse uso foi documentado em trabalhos que analisam *corpora* de língua falada e será meu objeto de estudo nesta dissertação. Veja-se (vi), abaixo:

(vi) - Pronome ‘eles’ e verbo no plural

(10) *Eles param muito é ônibus do Paraguai.* (E.26-‘VN’)

(11) *Eles contam o caso da Fiat Lux.* (E.13-‘BH’)

A realização fonológica do pronome ‘eles’ pode ser mais rápida ou menos rápida, reduzida ou plena. Nesta dissertação, não vou tratar desses modos de realização. Para um estudo detalhado sobre esse aspecto ver Corrêa (1998) e Ramos (2006).

No que diz respeito à conceituação de sujeito indeterminado, Bechara (1998, p.200) refere-se à *não especificação do agente da ação verbal, quer pelo fato de o falante não o conhecer, quer pelo fato de o não querer apontar.* Ali (1966, p.122) considera o sujeito

indeterminado *o que indica um ente humano que não podemos ou não queremos especificar*; Sacconi (1976, p.178), atestando a ausência de um elemento sintático como sujeito da oração, destaca a existência de um elemento semântico – o agente verbal, afirmando que o sujeito é indeterminado quando *o sujeito não existe como elemento na oração, sendo sua identidade desconhecida realmente, ou escondida propositadamente*; Melo (1978, p.122) afirma que *o que torna o sujeito indeterminado é a intenção do falante, que não sabe ou não quer precisar, apontar o agente, que se supõe ser sempre um ser humano*; Rocha (1984, p.34) define o sujeito indeterminado quando *o falante não pode, ou não quer, ou não deve envolver-se ou comprometer-se na sua expressão*; Cunha & Cintra (1985, p.125) *por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento*.

Como se pode ver, a maioria dos conceitos acima pode ser interpretada como simples paráfrases de um único conceito: o sujeito indeterminado constitui uma estratégia de esQUIVA à explicitação do agente. Entretanto, apenas um subconjunto dos exemplos apontados pelos gramáticos coloca-se sob o escopo da definição, filtrando fora todos os casos em que o sujeito não é agente da ação verbal. Esse é o caso de (12), por exemplo.

(12) **Sabem** que isso ocorreu.

*Saber* é um verbo de evento cognitivo e o sujeito de *saber* é experienciador e não agente. E mesmo assim o sujeito é indeterminado.

Quanto aos recursos de indeterminação, as GTs apontam cinco, deixando escapar pelo menos um, conforme vimos em (vi).

As GTs prescrevem que o uso de pronomes pessoais sujeitos deve ser omitido uma vez que as desinências verbais permitem recuperar a pessoa gramatical. Assim sendo, sua realização plena só se justificaria em casos de ênfase ou ambigüidade, como acontece no italiano<sup>2</sup> e no espanhol<sup>3</sup>. Entretanto, contrariando essa visão normativa, encontram-se, no português, várias formas pronominais plenas sendo realizadas fonologicamente ainda que os contextos não sejam nem enfáticos nem ambíguos.

(13) *Quando eles querem, eles fazem.* (Duarte, 1995, p.85)

(14) *Quando eles querem, eles acham dinheiro.* (Ibidem)

A propósito disso, Duarte (1995, p.27) afirma que a opção do sujeito nulo no PB não se encontra em distribuição complementar com o pronome pleno, ou seja, *o sujeito nulo no PB é antes uma opção que se realiza cada vez menos em favor do pronome pleno, cuja ocorrência, em momento algum, compromete a aceitabilidade de uma sentença*, ou seja, o sujeito pleno ocorre sem a necessidade de marcar ênfase ou desfazer uma ambigüidade.

Apenas a título de observação, cabe mencionar aqui que Almeida (1992) estudou o fenômeno de indeterminação através de suas mais variadas estratégias de realização (um total de 56 formas, entre pronomes, formas verbais não pronominalizadas, SNs generalizantes e camaleônicos), focalizando duas vertentes: a indefinição e a referencialidade. Isso seria mais uma evidência de que há um longo caminho a ser percorrido até que se chegue a um quadro

---

<sup>2</sup> CALABRESE, A. Pronomina: some properties of the italian pronominal system. In: N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds.) *MIT Working papers in Linguistics*, 8. 1-46, 1986.

<sup>3</sup> FERNANDES SORIANO, O. Strong pronouns in Null Subject languages and The Avoid Pronoun Principle. In: P. Branigan *et alli* (eds.) *MIT Working papers in Linguistics*, .11. 228-239,1989.

mais geral de indeterminação do sujeito no PB, que possa, de fato, refletir a realidade do português brasileiro atual.

Isso nos permite ver quão distantes se encontram as descrições da GT e a realidade do português brasileiro. O uso do pronome 'eles' seria, então, um desses recursos que escapam às gramáticas tradicionais, na medida em que não é referido no rol dos sujeitos indeterminados e sua realização seria não recomendada.

Quando dizemos que a GT apenas descreve algumas formas de indeterminação do sujeito sem mencionar outros recursos possíveis, assim o fazemos para mostrar que o fenômeno de indeterminação requer estudos que ultrapassem os limites das prescrições das gramáticas tradicionais.

## **1.2. A indeterminação do sujeito na perspectiva da Sociolinguística**

Assumindo uma posição diferente dos gramáticos, os linguistas têm dado atenção especial ao uso de formas pronominais como estratégias de indeterminação do sujeito em nossa língua.

Rolleberg *et alli* (1991), a partir de uma amostra do *corpus* do Projeto NURC/Salvador, descrevem alguns dos recursos usados por falantes da norma culta para expressar o sujeito indeterminado, examinando sua relação com as variáveis: categoria de texto e faixa etária do informante. As autoras trabalham com recursos de indeterminação em estruturas com sujeitos que figurem expressamente, exatamente por esses recursos se apresentarem como a opção mais freqüente entre os informantes observados.

Como recursos de indeterminação do sujeito em que as formas verbais se fazem acompanhar do sujeito sintático, as autoras documentam 211 ocorrências com formas

pronominais. Dentre todas as formas pronominais levantadas pelas autoras, ‘eles’ é a que apresenta menor frequência de uso entre os falantes - (7,11%) do total, com quinze ocorrências. Vejam-se alguns exemplos arrolados por Rollemberg *et alli* (1991, p.65):

- (15) *Na França, eles criaram um mecanismo de proteção dos bens culturais que possibilitou vencer justamente este impasse de poucos funcionários habilitados para atender a uma área geográfica muito grande e uma densidade monumental.*
- (16) *E tem playground, tem áreas assim... (Doc.) (...) Então, entre... infelizmente eles esqueceram, né, que... que playground é um... é uma coisa importante.*
- (17) *Eu não sei exatamente de que é que a entretela... ou melhor, ela, em geral, é de algodão e o material que eles usam para que a entretela fique... exerça sua função mesmo eu não sei bem o que é.*

Segundo as autoras, pode-se atribuir ao ‘eles’ uma abrangência bem mais reduzida que aquela apontada para os pronomes ‘você’, ‘nós’ e ‘a gente’ como indeterminadores do sujeito, pois o ‘eles’ comporta unicamente a NÃO-PESSOA<sup>4</sup>, com conseqüente exclusão do EU e do NÃO-EU.

Numa perspectiva diferente de Rollemberg *et alli*, que se limitaram a estudar os pronomes pessoais expressos, descartando as formas verbais com sujeito sintático Ø (zero), como em (18), buscaremos contrapor as formas nula e plena do pronome ‘eles’, a fim de verificar seu uso nesse contexto de indeterminação que as autoras chamaram de ALIA, isto é, a NÃO-PESSOA.

- (18) *Dizem que ele é injusto.*

---

<sup>4</sup> A abordagem, das formas pronominais, realizada por Rollemberg *et alli* se faz de acordo com BENVENISTE (1976), para a categoria de pessoa.

Duarte (1995), com base em uma amostra de fala de 13 informantes cariocas com formação superior, distribuídos em três faixas etárias, analisa 1.756 dados de sintagmas nominais em posição de sujeito, e verifica que 332 dados, que correspondem a 19% do total analisado, têm referência arbitrária, ou seja, não possuem um referente explícito, isto é, são indeterminados, sendo 65% representados por pronome pleno – 215 dados, e 35% por pronome nulo – 117 dados. Desse total, 10% são preenchidos com o pronome de 3ª. pessoa masculino plural. Foram identificadas, portanto, 22 ocorrências do pronome ‘eles’, num total de 139 dados de indeterminação com verbo na 3ª. pessoa do plural. Vejam-se, aqui, alguns exemplos extraídos de Duarte (1995, p.85):

(19) *O Grajaú eles tão asfaltando, melhorando também.*

(20) *Aquela rua Teodora da Silva, eles tão recapeando ela também.*

(21) *A Avenida das Américas, eles tão recapeando ela toda, né?*

Em cada um desses exemplos, é possível reconhecer o uso do pronome ‘eles’ indeterminado, expresso em contextos em que seria esperado um sujeito nulo. Duarte, porém, esclarece que os sujeitos de referência arbitrária, isto é, os sujeitos indeterminados, não constituem o objeto principal de sua pesquisa. A autora, entretanto, apresenta o seguinte resultado: *o uso do verbo na terceira pessoa do plural sem pronome expresso, só ocorre em metade das sentenças produzidas pelo grupo 1 (velhos), 30% das sentenças produzidas pelos grupos 2 (medianos) e 3 (jovens)* (p.84-85). Segundo Duarte, essas ocorrências teriam sido codificadas com a finalidade de verificar se a tendência à representação do sujeito por um pronome expresso também teria atingido os sujeitos indeterminados.

Nosso interesse, entretanto, é estudar exatamente o uso de sujeito de referência arbitrária. Focalizamos o pronome ‘eles’, em suas realizações plena e nula, a fim de verificar seu comportamento como recurso de indeterminação. Nesse sentido, nosso trabalho seria complementar ao de Duarte, na medida que centra sua atenção sobre um subconjunto de dados, identificado por ela em sua investigação sobre a tendência de preenchimento de sujeito no PB.

Micheletti & Franchetti (1996), sob a ótica funcionalista, também documentam, com base numa amostra de língua falada da cidade de São Paulo, o uso do pronome de 3ª. pessoa do plural para indeterminar o sujeito. Elas partem do princípio de que o pronome de 3ª. pessoa do plural (ou  $\emptyset$ ) é indeterminado *quando não é possível recuperar a identidade do seu referente no texto, ou seja, quando não há possibilidade de identificação de seu referente no contexto em que se insere* (p.1).

Com base nessa definição, as autoras acreditam ser possível apreender as relações existentes entre ausência e presença de um pronome sujeito e a noção de vaguidade referencial, codificada na posição sintática de sujeito, o que justificaria a ocorrência de sujeitos indeterminados. Para as autoras, ‘você’ aparece como a forma pronominal predominante como recurso de indeterminação (30,89%). Esse uso estaria condicionado à situação de conversação e se justifica pela distribuição dos pronomes em dois eixos:

1. O das pessoas que interagem lingüisticamente - os interlocutores, os quais se opõem sucessivamente nos papéis de locutor/emissor (1ª. pessoa) e o alocutário/receptor (2ª. pessoa);
2. O das entidades a que se referem à interlocução (3ª. pessoa).

O caráter de ‘eles’, portanto, estaria relacionado com algo fora da situação de conversação, enquanto a forma ‘você’ parece ter um caráter especial dentro do discurso, exatamente por dar mais proximidade ao interlocutor, o que justificaria uma frequência maior do ‘você’ como indeterminador.

Um aspecto que muito nos chamou a atenção no estudo de Micheletti & Franchetti (op. cit.) foi a proposta da escala de graus de indeterminação do sujeito, de Brown & Yule, assumida pelas autoras e apresentada a seguir:

1. Antecedentes nominais: este é o caso típico de anáfora textual<sup>5</sup>. Os autores lembram que não se trata de uma mera substituição de formas, mas, se uma mudança de estado está ligada à expressão nominal, o pronome ‘substituto’ deve ser interpretado em termos desse predicado.

(22) *I've just had my hair curled and **it** looks windblown all the time.* (Brown & Yule, 1983, p. 215)

2. Expressão predicativa antecedente: os autores afirmam que há evidências de que o uso que o falante faz do pronome sofre influência dos predicados atrelados a antecedentes nominais, podendo haver falta de concordância em termos de número e gênero entre o pronome e a expressão nominal correspondente.

(23) *Even an apprentice can make over twenty pounds a week and **they** don't get much tax [taken] from that. . (Ibidem)*

---

<sup>5</sup> É o que Halliday & Hasan (1976) definem em termos de “substituição pronominal”

3. Novos predicados: há casos em que não existe nenhum antecedente nominal no discurso anterior à ocorrência do pronome.

(24) *One of our main jobs in the Botanic is writing on the flora of Turkey. They don't have the scientists to do it. (Ibidem)*

Essa proposta de Brown e Yule mostra-se importante em nosso estudo uma vez que será possível retomá-la adiante quando será apresentado um detalhamento do grau 2 desta escala de indeterminação.

Micheletti & Franchetti sugerem ainda que um quarto nível poderia ser acrescentado a essa escala proposta por Brown & Yule: aquele composto pelos casos em que não há, de fato, nenhum elemento (de natureza nominal ou predicativa) que possibilite a inferência, pois, embora os autores afirmem que esse seja o caso dos 'novos predicados', as autoras chamam a atenção para a existência de elementos textualmente explícitos no exemplo apresentado por eles. Para elas o quarto nível seria um caso prototípico de indeterminação, ou seja, não haveria nenhuma pista (textual ou não) que possibilitaria qualquer tipo de inferência.

(25) *Mas aí eles perguntaram: por que você não disse né por quê você não disse que você tinha um irmão?* (Micheletti & Franchetti, 1996, p. 47)

Essa proposta de graus de indeterminação de Brown & Yule, assumida por Micheletti & Franchetti, traz evidências de que a indeterminação do sujeito deve ser pensada como um *continuum* e não como processo bipolar apenas, determinado/indeterminado. Essa questão será detalhada no capítulo IV.

Corrêa (1998) realiza um estudo sociolinguístico sobre a forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro e analisa as realizações plena e reduzida de pronomes pessoais de

3ª. pessoa no português falado na cidade de Belo Horizonte, a saber: *eles/ eis; ela/éa; ele/el*. A partir de 1.359 dados coletados em 27 entrevistas com informantes naturais de Belo Horizonte, o autor identifica 161 ocorrências de uso das formas *eles/eis* como sujeito indeterminado. Foi também observado que a forma ‘eles’ é usada ainda que o SN antecedente seja masculino ou feminino, singular ou plural.

Essas diversas ocorrências de ‘eles’, reduzidas ou plenas, foram assim resumidas por Corrêa:

**1. SN masc. pl; eles;**

(26) *Eu fui na casa de uns parentes<sub>1</sub> meus, eles é meio assim, eles<sub>1</sub> moram no bairro.*  
(Corrêa, 1998, p. 69)

**2. SN masc. sing; eles;**

(27) *O suíço<sub>1</sub> tem pelo menos três línguas: e eles<sub>1</sub> vão para fora (...) pra aprender inglês. (Ibidem)*

**3. SN fem. sing; eles;**

(28) *A polícia não dava sossego, ce tava andando na rua, eles te parava, te revistava.*  
(Ibidem, p.52)

**4. SN fem. pl; eles;**

(29) *As pessoas<sub>1</sub> quando entram para a faculdade (...) eles<sub>1</sub> têm que ficar dispostos a...*  
(Ibidem, p.69)

**5. Ø; eles;**

(30) *Eles querem ver o processo. (Ibidem, p.16)*

Buscaremos detalhar essa questão, fazendo uma classificação das ocorrências do pronome ‘eles’ pleno, considerando o tipo de referência do SN antecedente, uma vez que as evidências indicam haver uma sistematicidade para os tipos de ocorrências levantadas por Corrêa (1998).

Alves (1998) assume que parece ser possível caracterizar a interpretação do chamado sujeito indeterminado através do traço [ $\pm$ específico], podendo-se assim dizer que o sujeito indeterminado é [-específico], isto é, *não é possível identificar seu referente no âmbito do período*. Para o autor (op. cit., p. 21),

Os gramáticos, ao manifestarem a preocupação de salientar o desconhecimento ou a não-especificação do agente do processo verbal, de fato, estariam indicando o desconhecimento ou impossibilidade de especificação da referência do sujeito, que não está adequadamente precisada nos limites de uma oração.

Segundo Alves, devido a essa ausência de recorte, alguns autores, considerados tradicionais, deixam de admitir que sujeitos representados materialmente por palavras ou expressões indefinidas, como ‘alguém’, ‘a gente’, ‘ninguém’, sejam considerados indeterminados; em outras palavras, o conceito relevante aqui parece ser o de especificidade do sujeito.

Em nosso estudo, a especificidade do sujeito também se mostra relevante na identificação do sujeito indeterminado. Mas consideramos que, associados à impossibilidade de identificar o referente no âmbito do período, há outros aspectos que tornam o sujeito indeterminado. Vejam-se algumas sentenças:

(31) *A polícia veio fechando Santa Tereza inteira, eles vieram fechando tudo.* (E.12 – ‘BH’)

(32) *O assaltante num sei se é porque eles são meio retardados.* (E.7 -‘VN’)

(33) *Na Bahia eles num temperam feijão.* (E.29 -‘BH’)

Em (31), o SN ‘a polícia’ representa um grupo de indivíduos, o que permite certo tipo de inferência sobre o conteúdo do pronome ‘eles’. Em (32) o SN antecedente ‘o assaltante’

também nos permite inferir sobre o conteúdo do pronome ‘eles’ que, neste caso, é possível porque o SN pode ser interpretado como a classe inteira de indivíduos, ou seja, ‘os assaltantes de modo geral’. Em (33), a referência do SN é ainda mais ampla. O SN ‘na Bahia’ permite também certas inferências com relação ao conteúdo do pronome pelo fato desse SN poder ser interpretado como ‘os baianos’ ou até mesmo como ‘as pessoas que vivem na Bahia’.

O traço de especificidade do sujeito é também referido no trabalho de Gryner e Omena (2003). Estas autoras mostram que *vários rótulos estão associados à noção de indeterminação do SN, embora nem sempre a especificidade o tenha sido explicitamente* (p.94). Elas apontam que, além do traço [ $\pm$ indeterminado], os traços [ $\pm$ genérico], [ $\pm$ plural], [ $\pm$ coletivo], [ $\pm$  humano], [ $\pm$ indefinido], [ $\pm$ referencial], [ $\pm$ específico], também estão associados à noção de indeterminação do sujeito. Em nosso estudo, faremos uso de vários desses rótulos como fatores para distinguir as ocorrências arroladas sob o rótulo de indeterminação. Vemos, portanto, que a questão da referência é bem mais complexa.

### **1.3. O conceito de indeterminação: elencando propriedades**

#### **1.3.1. A referência**

Algumas considerações sobre a noção de referência tornam-se oportunas. Passemos a elas.

Segundo Cançado (2005, p.78), *a referência é exatamente o objeto alcançado no mundo, quando você usa a expressão da língua para se referir a esse objeto específico*. Segundo a autora, a referência lida com as relações entre a língua e o mundo, ela é, portanto, dependente do enunciado, ou seja, a referência é uma relação entre expressões e aquilo que elas representam em ocasiões especiais.

Segundo Cançado (op. cit., p.79), com base em Lyons (1977), podemos observar os seguintes tipos de referência para os sintagmas nominais:

A . Referência singular definida:

1. Sintagmas nominais definidos: pode-se identificar um referente, não só o nomeando, mas também fornecendo ao interlocutor uma descrição detalhada, no contexto da enunciação particular, que permita distingui-lo de todos os outros indivíduos do universo do discurso.
2. Nomes próprios: os nomes próprios são considerados as expressões referenciais por excelência, pois, geralmente, a cada nome buscamos uma referência única no mundo.
3. Pronome pessoal: os pronomes pessoais são os pronomes dêiticos que apontam para um objeto (indivíduo) no mundo.

B. Sintagmas nominais definidos não-referenciados:

Um sintagma nominal definido pode ocorrer como complemento do verbo *ser*, podendo, então, ter uma função predicativa, e não uma função de sintagma nominal referenciado. Por exemplo:

(34) *Noam é um professor de lingüística.* (Cançado, 2005, p. 80)

Neste caso, a autora esclarece que ‘ser um professor de lingüística’ pode se encaixar no tipo de referência estabelecida pelos sintagmas verbais e uma classe de indivíduos no mundo, a dos professores de lingüística.

### C. Referência indefinida específica e não-específica:

Um sintagma nominal indefinido pode referir-se a um único indivíduo, específico, embora não identificado, como também pode se referir a qualquer indivíduo, ou seja, o sintagma nominal indefinido também pode ser usado de forma não específica. Neste último caso, a referência se torna genérica, isto é, uma proposição que diz alguma coisa não sobre um indivíduo específico, ou sobre um grupo de indivíduos, mas a referência se estende à classe dos indivíduos como um todo.

Com base nessas considerações sobre a noção de referência, torna-se menos árdua a tarefa de delimitar as propriedades do sujeito indeterminado.

### **1.3.2. A indeterminação**

Uma vez que estaremos usando a noção de indeterminação como uma propriedade definidora das formas que vamos identificar como variantes lingüísticas, precisamos, desde já, conceituá-la e apresentar critérios capazes de distinguir sujeitos determinados e sujeitos indeterminados. Vamos retomar, por isso, os conceitos já referidos no decorrer desse capítulo, fazendo uma síntese.

Partindo da Gramática Tradicional, vimos que os gramáticos associam a ocorrência de sujeito indeterminado à *não especificação do agente da ação verbal, quer pelo fato de o falante não o conhecer, quer pelo fato de não querer apontar o agente* (Bechara, 1988:200).

Duarte (1995) usa o termo *arbitrário* para falar de indeterminação. A autora, entretanto, não define o termo.

Micheletti e Franchetti (1996, p.1), sob a ótica funcionalista, consideram o sujeito indeterminado *quando não é possível recuperar a identidade do seu referente no texto, ou seja, quando não há possibilidade de identificação de seu referente no contexto em que se insere*.

Alves (1998), na perspectiva da gramaticalização, caracteriza a interpretação do chamado sujeito indeterminado através do traço [ $\pm$ específico], dizendo que o sujeito indeterminado é [-específico], isto é, não é possível identificar seu referente no âmbito do período.

O trabalho de Rollemberg *et alli* (1991) também traz elucidações muito pertinentes ao nosso estudo. As autoras chamam a atenção para o fato de que *ao falar em indeterminação do sujeito, estamos, na verdade, tratando da indeterminação da referência do sujeito, já que o sujeito oracional é uma função sintática indicada pela relação que os vocábulos têm entre si dentro da oração* (p.57). Por indeterminação do sujeito, entende-se, portanto, *o fato de não ser possível, dentro de um contexto discursivo, especificar nominal ou numericamente sua identidade*. Isto equivale a dizer que essa referência não é recuperável porque não foi precisada ou determinada na totalidade do discurso, ou seja, *o que se desconhece ou não se pode determinar é a referência do sujeito, é ela que nos estritos limites da oração não está*

*precisada, estabelecida* (p.56). Assim, para a interpretação e identificação do sujeito indeterminado, os critérios semântico-pragmáticos devem ser somados aos critérios sintáticos.

Rolleberg *et alli* (op. cit.) e outros também chamam a atenção para o fato de que dentre as características delineadoras da indeterminação do sujeito destaca-se o fato de os recursos indeterminadores ocorrerem unicamente *com verbos que possibilitem subcategorizar a referência do sujeito com traço [+humano]*<sup>6</sup>. Além disso, a indeterminação se opera através de recursos que expressem generalização, podendo sua abrangência atingir uma das PESSOAS do discurso, ou ambas, sendo obrigatório, porém, o envolvimento da NÃO-PESSOA.

A partir das conceituações acima, podem ser atribuídas ao sujeito indeterminado as seguintes propriedades:

1. O sujeito indeterminado é [+referencial]<sup>7</sup>, [+humano]<sup>8</sup> e [-específico], ou seja, não é possível precisar a referência do sujeito nos limites do contexto linguístico<sup>9</sup>.
2. No que diz respeito aos critérios utilizados para identificar sujeitos indeterminados nas amostras analisadas foram adotados os seguintes:
  - a. paráfrase com passiva.
  - b. paráfrase com o clítico 'se' e verbo no singular.
  - c. paráfrase com Ø e verbo no plural.

---

<sup>6</sup> (Cf. MILANEZ, 1982, p.37 *apud* ROLLEMBERG *et alli*, 1991, p. 58).

<sup>7</sup> Adotou-se aqui a noção clássica de referência.

<sup>8</sup> O traço [+humano] mostra-se categórico na indeterminação do sujeito.

<sup>9</sup> Mas algumas inferências às vezes são possíveis, conforme vimos.

(35) *Tô num momento que eu vou te falar, é aquela brincadêra que eles fazem. O Brasil só tem duas saídas: Galeão e Cumbica.* (E.4)

(36) *Ninguém tem onde morá, então eles vão pros bairros mais próximos.* (E.26)

(37) *Eles servem uns crepes ótimos!* (E.29)

Aplicando os critérios (a-c), podemos verificar que a sentença (35) teria como paráfrase: “É aquela brincadeira que fazem”, em que o uso da 3ª. pessoa do plural indicaria o desconhecimento do agente, tal como ‘Bateram na porta’. Em (36), ‘eles’ tem como referente ‘todos’ os membros de uma classe – um genérico, o que permite uma interpretação do sujeito indeterminado. A sentença (37) teria como paráfrase - “Servem-se crepes”, cujo ‘eles’ pode ser perfeitamente substituído pelo ‘se’ indeterminador.

Assim sendo, o sujeito é indeterminado quando a sua referência não pode ser precisada nem mesmo fora dos limites do contexto lingüístico, pois, embora o sujeito indeterminado seja sempre [+referencial] e [+humano], o fato de ser [-específico]<sup>10</sup> não permite que o sujeito seja identificado.

---

<sup>10</sup> O efeito do traço [-específico] será testado através do fator 1: referência [ $\pm$ determinada] do sujeito a ser especificado no cap. III.

#### **1.4. Considerações finais**

Como se pôde ver, a partir das resenhas apresentadas, tomaremos como objeto de estudo um fenômeno que, embora já apontado na literatura sobre sujeito, não teve ainda um tratamento detalhado. O recurso de indeterminar o sujeito através do pronome ‘eles’ e verbo no plural parece ser comum nos *corpora* analisados e, por isso mesmo, merece um estudo que mostre como esse uso ocorre no português falado em Belo Horizonte. Com a expectativa de que a indeterminação do sujeito através do pronome ‘eles’ possa ser tratada como um processo gradual e como uma manifestação da tendência de preenchimento da posição de sujeito no PB atual, passamos ao capítulo seguinte, que trata do referencial teórico assumido nesta pesquisa.

---

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Not all variability and heterogeneity in language structure involve change; all change involves variability and heterogeneity.

(Weinreich, Labov & Herzog, 1968, p.188)

### 2.1. Introdução ao quadro teórico

Para a realização de nossa pesquisa, adotamos os princípios gerais da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 1968) e os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista LABOV (1972, 1994 e 2001). Com base nessa perspectiva teórica, tomamos como ponto de partida alguns pressupostos básicos que fundamentam a Teoria da Variação e Mudança: a concepção de língua como sistema heterogêneo ordenado, a diversidade e a sistematicidade da variação, a força dos fatores lingüísticos e sociais, os tipos de estudo que envolvem a pesquisa sociolinguística e, por fim, os problemas relacionados ao processo de mudança.

### 2.2. A concepção de língua e sua relevância para a Teoria da Variação

Partindo do princípio de que todo trabalho que quer discutir língua deve explicitar quais concepções teóricas serão adotadas na pesquisa, assume-se que *a língua é um sistema heterogêneo ordenado, regulado por um conjunto de regras, do qual a variação é parte inerente* (Labov, 1972, p.223). Assim sendo, a variação não é aleatória, ela é governada por restrições lingüísticas e extralingüísticas capazes de regular a heterogeneidade, uma vez que a

homogeneidade da língua não é real. De fato, o que existe, é uma heterogeneidade estruturalmente ordenada; ou seja,

The description of language as a homogenous object is itself needlessly unrealistic and represents a backward step from structural theories capable of accomodating the facts of orderly heterogeneity. It seems to us quite pointless to construct a theory of change which accept as its input unnecessarily idealized and counterfactual descriptions of language states. Long before predictive theories of language change can be attempted, it will be necessary to learn to see language as an object possessing orderly heterogeneity (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p.100).

Diferentemente da corrente estruturalista, que defendia o caráter homogêneo das línguas e via a variação como um desarranjo lingüístico, a Sociolingüística Variacionista assume que a concepção de língua como sistema heterogêneo ordenado é condição *sine qua non* para o estudo da variação e mudança lingüística.

Evidentemente o reconhecimento do PB como heterogêneo, uma conjunção de falares social e geograficamente diferenciado, antecede os estudos baseados nos postulados de Weinreich, Labov e Herzog. A inovação possibilitada por estes autores está exatamente no termo “ordenada”, que permite atribuir à variação um caráter sistemático e controlado que até então lhe fora negado. Cabe ao lingüista entender, descrever e explicar essa sistematicidade, depreender os padrões que a governam (Paiva e Duarte, 2006, p.133).

Com os estudos de Labov a partir da década de 60 há, portanto, uma quebra na identificação da estruturalidade com a homogeneidade, e foi possível começar a desvendar o misterioso processo de transição de um estado da língua a outro, pois os fatos da heterogeneidade não impedem o estudo e a aquisição de uma língua.

### 2.3. A diversidade e a sistematicidade da variação

Instaurando a Sociolinguística Variacionista, Labov busca mostrar a necessidade de estudar a diversidade linguística, considerando a sistematicidade das variações que ocorrem nas línguas, a fim de esclarecer que, às vezes, o que era visto como um verdadeiro ‘caos’ linguístico, na verdade, não passava de um sistema em variação, cuja heterogeneidade faz parte do sistema. Weinreich, Labov & Herzog (1968) estabelecem um dos princípios gerais para o estudo da variação e da mudança linguística: “nem toda variação e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação<sup>11</sup>” e por isso mesmo:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas. (Weinreich, Labov e Herzog, 1968).

Assim sendo, qualquer língua falada por diferentes comunidades apresenta variações. O que a sociolinguística variacionista busca é mostrar que as variações não são aleatórias, elas ocorrem de forma sistemática via um controle rigoroso de regras. Labov (1975, p.226) esclarece ainda que, embora possa haver variação no nível da fala (no sentido de ser uma escolha individual), a variação linguística situa-se, em geral, no nível do sistema. Entende-se por variação a possibilidade dizer a mesma coisa de duas (ou mais) maneiras diferentes, denominadas de “variantes linguísticas”, que, nas palavras de Tarallo (2003, p.5), são assim chamadas exatamente por se enfrentarem em um duelo de contemporização.

---

<sup>11</sup> Not all variability and heterogeneity in language structure involves change; all changes involves variability and heterogeneity. (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p.188)

Portanto, quando o falante faz uso do pronome ‘eles’, em sua forma plena, em oposição ao uso da forma vazia, como recurso de indeterminação, existe um conjunto de regras que condiciona a escolha, ainda que inconsciente, de uma forma em detrimento da outra, ou seja, o falante faz uso daquela variante lingüística que seria a opção mais adequada. O problema central da teoria é exatamente identificar e medir o efeito de cada fator.

#### **2.4. A força dos fatores lingüísticos e sociais**

Conforme postula a teoria, existem vários fatores que atuam num fenômeno em variação. De um lado, encontram-se os fatores lingüísticos ou estruturais: as variáveis internas que atuam no nível sintático, fonológico, morfológico, semântico, discursivo e lexical. Esses fatores atuam na estrutura interna das línguas e são responsáveis pelo controle dos possíveis arranjos lingüísticos de cada língua; por outro lado, encontram-se os fatores sociais, as variáveis externas ou extralingüísticas que correspondem ao gênero do informante (masculino e feminino), faixa etária, nível de escolaridade, estilo, nível sócio-econômico, localidade, entre outros. Esses fatores atuam no controle dos aspectos sociais da linguagem e são responsáveis por marcar as diferenças dialetais que caracterizam as diferentes comunidades de fala<sup>12</sup>.

A análise dos fatores internos e externos, portanto, assim como a interação entre eles permite a compreensão dos fenômenos lingüísticos, uma vez que se torna possível reconhecer quais fatores estão atuando direta ou indiretamente nos fenômenos em processo de variação e mudança.

---

<sup>12</sup> Comunidade de fala segundo Guy (2001) é formada por falantes que “compartilham traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.”

Buscando sistematizar o funcionamento da variação nas línguas, Labov (1972) ressalta que o estudo da língua falada só é possível a partir da observação do vernáculo - estilo em que o mínimo de atenção é dado à fala. *O vernáculo é exatamente a língua usada no dia-a-dia por uma mesma comunidade de fala; é também o veículo de comunicação que as pessoas usam para falar com seus pares*<sup>13</sup>.

Alguns fenômenos lingüísticos sofrem maior ou menor interferência dos fatores externos. No caso das variações sintáticas, a atuação dos fatores externos é menos visível, uma vez que as variáveis internas atuam mais diretamente sobre o fenômeno. Nesta dissertação, faz-se necessário um controle cuidadoso das variáveis internas, uma vez que estaremos trabalhando com uma variação que poderia ser descrita como uma variação sintática.

## 2.5. Estudo de tendência e estudo de painel

O estudo da língua falada com base nos pressupostos da Sociolingüística Variacionista exige a escolha do tipo de estudo que melhor suporte dê à investigação desejada, assim como o conhecimento prévio dos construtos teóricos que fundamentam cada tipo para que os resultados da pesquisa sejam expressivos.

Labov (1994) afirma que *o primeiro método e o mais simples para se estudar a mudança lingüística em progresso é traçar a mudança no tempo aparente, isto é, a distribuição das variáveis lingüísticas por faixas etárias*<sup>14</sup>. Um estudo em tempo aparente deve considerar, no mínimo, três faixas etárias: velhos, medianos e jovens. E dependendo do

---

<sup>13</sup> Cf. no original: "This is the vernacular" – a language as it is used in everyday life by members of social order, that vehicle of communication in which they argue with their wives, joke with their friends, and deceive their enemies (Labov, 1972, p.xiii).

<sup>14</sup> The first and the most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: this is, the distribuição of linguistic variables across age levels (Labov, 1994, p.45-46)

tipo de estudo, faz-se, ainda, uma subdivisão das faixas etárias, de modo que a distribuição das variantes fique mais evidente. Labov ( op. cit., p.46), entretanto, adverte: é necessário olhar para alguns dos problemas envolvidos na obtenção de uma visão clara e precisa da dimensão do tempo aparente.

Para Labov (1994), um dos problemas que envolve a pesquisa no tempo aparente está relacionado à coleta de dados com pessoas mais velhas. É difícil obter bons dados de fala espontânea de pessoas idosas, pois, geralmente, elas apresentam os seguintes problemas: (i) deterioração física, como a perda de dentes, que interfere na produção da fala; (ii) voz arranhada e articulação frouxa, muito comum entre os idosos, são problemas que prejudicam a produção da fala; (iii) deterioração das habilidades mentais, como perda da memória, interesse e atenção, também acabam por atrapalhar a produção e a inteligibilidade dos dados. Mas, essas dificuldades não impedem o documentador de conseguir informantes mais velhos em pleno gozo de uma competência lingüística primorosa, capaz de evidenciar a estrutura da língua que os falantes usavam quando eles eram jovens<sup>15</sup>. Naro (2003, p.44-45) explicita que *sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade*, assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de 45 anos atrás, enquanto a fala de uma pessoa de 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas 25 anos. Esse tipo de escala obtida através do estudo de falantes com idades diferentes é chamada de ‘gradação etária’.

Segundo a Teoria Laboviana, uma outra questão merece esclarecimento: qual seria a faixa etária ideal dos mais jovens a ser investigada, de modo a trazer evidências do estado e da direção de uma mudança lingüística em progresso? Estudos importantes (Labov, 1966;

---

<sup>15</sup> The people we look for for a representative of the oldest stratum of the speech community have the ability to talk in a serious and straightforward way about the most serious events of their lives (Labov, *ibidem*, p.47).

Trudgill, 1974a; Cedergreen, 1973) mostram que o limite mínimo de idade para a faixa etária dos mais jovens é de 8 anos. Isso teria uma explicação: crianças com idade inferior a 8 anos estão em plena fase de aquisição da linguagem, o que facilmente poderia causar uma análise equivocada dos dados.

Uma das vantagens da análise com base no tempo aparente é a possibilidade de se observar o contexto social em que o fenômeno lingüístico acontece. Isso só é possível porque os fatores que atuam nos fenômenos em variação podem ser mais facilmente percebidos nas mudanças em progresso do que nas mudanças completadas, pois, de acordo com o Princípio da Uniformidade, *os mesmos princípios que propiciaram uma mudança no passado podem ser os mesmos que atuam no presente* (Labov, 1972, p.161).

Para depreender esses princípios, há, basicamente, dois tipos de estudos comumente utilizados em pesquisas sociolingüísticas: um voltado para o estudo da comunidade de fala - estudo de tendência, e o outro com o foco no indivíduo - denominado estudo de painel.

*O estudo do tipo 'tendência' se baseia na comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, em dois momentos de tempo, enquanto o estudo de 'painel' consiste no re-contato e na obtenção de uma amostra de fala dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um lapso de tempo.* (Paiva e Duarte, 2003, p.186)

Para a realização de um estudo de tendência é essencial que a comunidade não tenha sofrido alterações durante o intervalo de tempo entre o contato e o re-contato da comunidade, de forma que um estado mais ou menos estável tenha sido mantido no período interveniente<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> It is essential that the community have remanied in a more or less stable state in the inervening period. (Labov, 1994, p.76)

Geralmente, considera-se que o espaço de uma geração (cerca de 20 anos) é suficiente para fornecer subsídios acerca da estabilidade ou mudança no comportamento lingüístico dos indivíduos e da comunidade de fala. A vantagem desses dois tipos de estudos é permitir o confronto de duas sincronias do mesmo foco geográfico.

O estudo com base no tempo aparente é feito, portanto, com base em um recorte sincrônico de tempo e está baseado no pressuposto de que diferenças lingüísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos.

Sendo assim,

O comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas (Paiva e Duarte, 2003, p.14).

Os estudos de tendência e painel são realizados com base no tempo real, levando em conta intervalos de tempo entre duas sincronias. São, portanto,

Um recurso essencial não só para identificar o aparecimento ou morte de uma determinada variante lingüística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança. Essas duas formas de estudo se complementam, fornecendo evidências mais seguras acerca do estatuto dos padrões de variação em um dado recorte sincrônico (Paiva e Duarte, 2003, p.181-182).

Retomando os termos de Labov (1994), segundo Paiva e Duarte (2003), *a combinação de evidências no tempo aparente e no tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso*, pois a conjugação desses dois tipos de estudos permite a comparação de um fenômeno variável em diversos pontos do tempo, já que a atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um

lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade.

A conjugação entre essas duas faces tem sido o foco de interesse da Teoria da Variação (ou Sociolingüística Variacionista), que tem como um dos seus principais axiomas o de que as línguas humanas estão em constante mudança, que se propaga de forma gradativa e implicam períodos mais ou menos longos de variação em diversos eixos sociais (Paiva e Duarte, 2003, p.13).

Embora, nesta dissertação, não venhamos a desenvolver um estudo de tendência, gostaríamos de deixar registrado o desejo de ser essa a próxima etapa de nosso trabalho. Há um *corpus* de fala belo-horizontina de 1982, organizado pela professora Dra. Maria do Carmo Viegas, membro do Núcleo de Pesquisa em Variação Lingüística, da Faculdade de Letras da UFMG, que pode vir a ser usado nessa próxima etapa.

## **2.6. Os problemas relacionados ao processo da mudança lingüística**

Um tópico de estudo importante na Sociolingüística Laboviana é a mudança lingüística. Para Labov (1994, 2001), é preciso considerar os cinco problemas diretamente relacionados ao processo da mudança lingüística: (i) o problema da restrição: as restrições universais em relação à mudança seriam independentes, conforme a comunidade lingüística analisada; (ii) o problema da transição: trata-se de como e por quais caminhos um determinado processo de mudança lingüística ocorre. O problema da transição refere-se à questão do espriamento da mudança na comunidade; (iii) o problema do encaixamento: procura responder de que modo uma mudança lingüística se encaixa no sistema de relações sociais e lingüísticas; (iv) o problema da avaliação: procura responder de que modo uma mudança lingüística é avaliada pelos falantes de uma determinada comunidade. A avaliação da

comunidade é extremamente importante, pois ela determina o rumo da mudança; (v) o problema da implementação: investiga a relação de um fenômeno em mudança com outras mudanças que estejam ocorrendo no sistema, procurando evidenciar o porque, o espaço de tempo e o local da ocorrência de uma determinada mudança lingüística.

O apontamento desses problemas se justifica nesta dissertação, uma vez que o problema da transição será abordado em nosso estudo, já que é nosso interesse investigar como o pronome ‘eles’, um item [+determinado], adquiriu propriedades distintas, passando a ser usado também como um item [-determinado].

## **2.7. Conclusão**

A Teoria da Variação Lingüística é de suma importância para a compreensão da sistematicidade das variações. Ela é capaz de fornecer os meios de lidar com a variação de forma a compreender em que medida as formas variam, assim como perceber os fatores que atuam sobre os fenômenos lingüísticos. Na pesquisa aqui descrita fatores internos e externos mostraram-se significativos. Os passos de nossa investigação serão detalhados no capítulo III.

---

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação a ser descrita aqui consiste em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com auxílio das técnicas de entrevista e gravação. Serão utilizados dois *corpora* nesta pesquisa. Um se refere à fala de Belo Horizonte, e foi constituído de entrevistas que compõem o *corpus* “*Fala Belo-horizontina*”, organizado pela profa. Jânia Ramos<sup>17</sup>; o outro, refere-se à fala de Venda Nova, uma área periférica de Belo Horizonte, e foi constituído a partir das entrevistas constantes da dissertação de Araújo (2007), também relativo à fala belo-horizontina. Ambos foram constituídos a partir de conversas em situações informais com base no modelo de entrevista sociolinguística, a ser discriminado na seção 3.1. A quantificação dos dados foi realizada pelo programa de regras variáveis *Goldvarb2001* (Robinson, Lawrence & Tagliamonte, 2001).

#### 3.1. Modelos de entrevistas: livre e sociolinguística

Basicamente existem dois tipos de entrevista que são comumente realizados numa pesquisa de campo para estudos sociolinguísticos: entrevista livre e entrevista sociolinguística. A primeira, também conhecida como interação livre, consiste na gravação de uma conversa entre dois ou mais interlocutores que se conhecem previamente e têm, por isso mesmo, um convívio social mais estreito. Nesse tipo de entrevista, geralmente um dos informantes assume a posição do documentador, sem que o outro saiba que está sendo gravado, sendo feito o pedido de concessão da entrevista para fins de pesquisa após o término

---

<sup>17</sup> O *corpus* “*Fala Belo-horizontina*”, organizado pela profa. Jânia Ramos, integra o acervo do NUPEVAR.

da conversa. Este tipo de entrevista serve principalmente para a análise da conversação, estudos de turno de fala e de pronomes de tratamento (cf. Silva, 2003, p.124).

O segundo tipo, denominado entrevista sociolinguística, consiste na interação do pesquisador com o informante. Esse tipo de entrevista, porém, não deve ser um questionário que possibilite respostas do tipo sim/não. Uma boa entrevista sociolinguística é aquela que dá oportunidade ao entrevistado de falar de forma natural. Para que isso aconteça, o pesquisador deve ter assuntos suficientes para fazer a conversa fluir.

Numa entrevista sociolinguística, o gênero textual buscado é a narrativa, exatamente por possibilitar o envolvimento do falante com o assunto narrado, o que leva, frequentemente, ao uso de uma linguagem menos cuidada, isto é, mais próxima do vernáculo, conforme ressalta Tarallo (2003, p.19), retomando os termos de Labov (1972).

A língua falada a que nós temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores dos pátios das escolas, longe da tutela de professores. É a língua falada entre os amigos, os inimigos, os amantes e os apaixonados. Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação.

Por estarmos interessados na fala não-padrão, optamos pela entrevista sociolinguística, considerando-a o tipo mais adequado ao estudo desenvolvido nessa pesquisa. Os falantes de Belo Horizonte (MG) foram nossos informantes. Vejamos a seguir uma breve síntese do perfil social e político dessa cidade.

### **3.2. Belo Horizonte: uma zona de confluência dos falares mineiros**

#### **3.2.1. A formação sócio-histórica de Belo Horizonte**

Belo Horizonte nasceu de um gesto político que ocasionou a transferência da antiga capital de Minas Gerais - Vila Rica, para a cidade de Belo Horizonte. De acordo com Monte-Môr e Paula (2000, p.27-29), a história de Belo Horizonte é marcada por três momentos característicos. O primeiro momento, de 1897 a 1950, é o da presença forte do estado tanto na construção da capital, quanto em sua reestruturação no final dos anos 40 e início dos anos 50. De 1950 a 1980 se consolida o segundo momento cuja característica central seria a efetiva consolidação da cidade como pólo econômico dinâmico, que foi fundamental para o crescimento populacional nesse período. O terceiro momento, iniciado em 1980, e que se prolonga até agora, é assinalável por um conjunto de crises, que vão compor um cenário de movimentos migratórios do interior do Estado para a capital e vice-versa.

#### **3.2.2. A formação sócio-demográfica de Belo Horizonte**

A formação sócio-demográfica de Belo Horizonte é marcada pela transferência da antiga capital do Estado de Minas, Ouro Preto, quando a nova capital é inaugurada em 1897.

De acordo com Ferreira (2001), segundo o PLAMBEL<sup>18</sup> (1979):

Na perspectiva de organização da mudança de Capital, necessário se fazia a presença de um operariado qualificado, destinado aos futuros trabalhos de construção civil, sem o qual não se poderia concretizar a mudança. Esses trabalhadores não se distinguem – a não ser pela profissão – dos migrantes rurais já encontrados. Foram instalados nas áreas próximas da zona urbana, apesar de serem consideradas então como rurais.

---

<sup>18</sup> Planejamento Metropolitano de Belo Horizonte

Marcada, então, pela presença de emigrantes de várias regiões do Estado, Belo Horizonte acabou tendo seu espaço físico claramente definido como áreas internas ou externas à Avenida do Contorno, sendo o espaço interno destinado a construção do centro urbano e à instalação das famílias mais abastadas, enquanto o espaço externo à Avenida acabou sendo ocupado pelas pessoas de baixa renda. Assim, Belo Horizonte se estruturou de forma a ter um centro demograficamente populoso, bem equipado, com infra-estrutura urbana, onde residiriam as classes mais ricas e se localizariam os melhores serviços. E os limites que ultrapassavam a área interna à Avenida do Contorno seriam ocupados por uma população de baixa renda, com péssimas condições sanitárias e habitacionais. Conseqüentemente, essa característica da cidade acabou interferindo no modo de vida das pessoas, na formação cultural e educacional de seus indivíduos, enfim, vamos encontrar em Belo Horizonte diferentes estratos sociais que revelam esse aspecto da formação da capital mineira.

### **3.2.3. A região de Venda Nova**

De acordo com Silva (2000), Belo Horizonte alastrou suas fronteiras e, nesse ínterim, provocou a mudança de hábitos sociais e culturais dos espaços incorporados a ela, dentre esses, Venda Nova, que era um povoado que pertencia, inicialmente, à Sabará/MG. Venda Nova é uma das regiões mais velhas de Belo Horizonte - antes mesmo de ser criada a capital, o distrito já existia. Segundo Araújo (2007, p.71),

No início do século XX, a região era apenas um arraial e não havia sofrido nenhuma mudança profunda. Venda Nova vai aos poucos conquistando pequenos investimentos para a melhoria de vida de sua comunidade. Hoje a região é uma das maiores de Belo Horizonte. Em 1927, registra-se a criação do primeiro grupo escolar e acontece a eletrificação da área central do povoado. Em dezembro de 1948, Venda Nova passa a ser definitivamente anexada como Distrito de Belo Horizonte.

Um detalhamento histórico-político de Venda Nova pode ser encontrado em Costa (1997). Apresenta-se aqui apenas uma síntese: Venda Nova foi primeiramente um distrito restituído à paróquia do Curral Del Rei (at. Belo Horizonte) por lei nº.472 de 31-V-1850. Depois passou a pertencer ao Município de Santa Luzia, Sabará e foi novamente incorporada ao município de Belo Horizonte em 1923, sendo incorporada ao município de Santa Luzia em 1938, e reincorporada ao município de Belo Horizonte em 1948.

Como se pode ver, Venda Nova possui uma formação sócio-histórica completamente distinta da capital mineira. Araújo (op. cit., p.72) chama também a atenção sobre o aspecto sócio-econômico da região:

A região cresceu de forma desordenada, por ser afastada da Metrópole, tanto no que diz respeito aos investimentos quanto à distância e por isso se transformou numa “cidade dormitório” (...) a região de Venda Nova pode se caracterizada como uma região de classe média baixa (...) os habitantes que aqui se instalaram eram, em sua maioria, oriundos das classes menos favorecidas, e que não tinham condições de se instalar na capital, o que parece permanecer ainda hoje.

Com base nestas informações sobre a história da Região de Venda Nova, optamos tratar distintamente as duas amostras de fala belo-horizontina analisadas neste estudo.

### 3.2.4. O dialeto mineiro e o falar belo-horizontino

Do ponto de vista lingüístico, a capital mineira pode ser considerada uma zona de confluência dos diversos falares predominantes no Estado de Minas. Consoante Zágari (1998, p.33-34), *a ocupação dos espaços imensos de Minas Gerais, através de três vias a que a geografia e a história deram vida, reforça e ajuda a explicar a existência de três falares no Estado: baiano, paulista e mineiro*. Vou caracterizar rapidamente cada um, com base em informação de natureza fonético-fonológica, apenas a título de exemplificação.

(i) Um falar baiano que, partindo do norte, vai até a linha, no sentido leste-oeste, abarcando as localidades de Mantena, Galiléia, Governador Valadares, Nacip Raydan, Água Boa, São Sebastião do Maranhão, Itamarandiba, Várzea da Palma, João Pinheiro, terminando em Paracatu. (p.34)

Esse falar é caracterizado pela predominância de vogais pretônicas baixas e pela presença da africada [ts] antecedendo a vogal alta [i], além do [t] e [d] como coronais e de nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica; no aspecto lexical ocorrem itens comuns, porém com significados ignorados em outras regiões, tais como: neve (=cerração), chuva-de-flor (=granizo), zelação (=estrela cadente), china (=bola-de-gude), queiro (=dente-de-siso), bituca (=toco de cigarro), ponga (=carona); no nível prosódico, esse falar é marcado por um ritmo mais arrastado.

(ii) Um falar paulista que, partindo do sul do Estado, na cidade de Passa Vinte e, rumando para o norte, pega Liberdade, Andrelândia, Lavras, Oliveira, Pará de Minas, Divinópolis e, dobrando para o oeste vai até Vazante, passando por Bom Despacho, Dolores de Indaiá, São Gotardo, Patos de Minas e São Gonçalo do Abaeté, englobando, portanto, todo o Triângulo e a região sul do Estado. (p.34)

A principal característica desse falar é a marca inconfundível do [r] retroflexo que, por ser considerado um “R” caipira, muitos falantes, principalmente aqueles com nível de ensino superior, afirmam e reafirmam não falarem, mas constantemente são flagrados usando essa variante em situações de fala espontânea. Outra característica desse falar é ritmo mais veloz e, no nível lexical, podem ser verificadas certas preferências como ramona (=grampo), rabiçó (=animal sem rabo), cachopa ou caixote (=colméia) e chuva-de-rosa (=granizo).

(iii) Um falar mineiro (utilizando-se a nomenclatura de Antenor Nascentes)<sup>19</sup> preso entre duas áreas que, não possuindo nenhuma das características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando finais e fazem surgir outros quando finais antecedidos de sibilante (p.35).

Considerandos as peculiaridades encontradas em cada região, percebe-se que:

Minas Gerais apresenta acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais distintas em, pelo menos, três de suas regiões, independentemente de seus estratos sociais. Mas, esses falares, que possuem características próprias em seu aspecto fonético e no ritmo da fala, não se divergem no aspecto sintático, cuja gramática passa a funcionar de acordo com os estratos sociais e o maior ou menor índice de escolaridade.

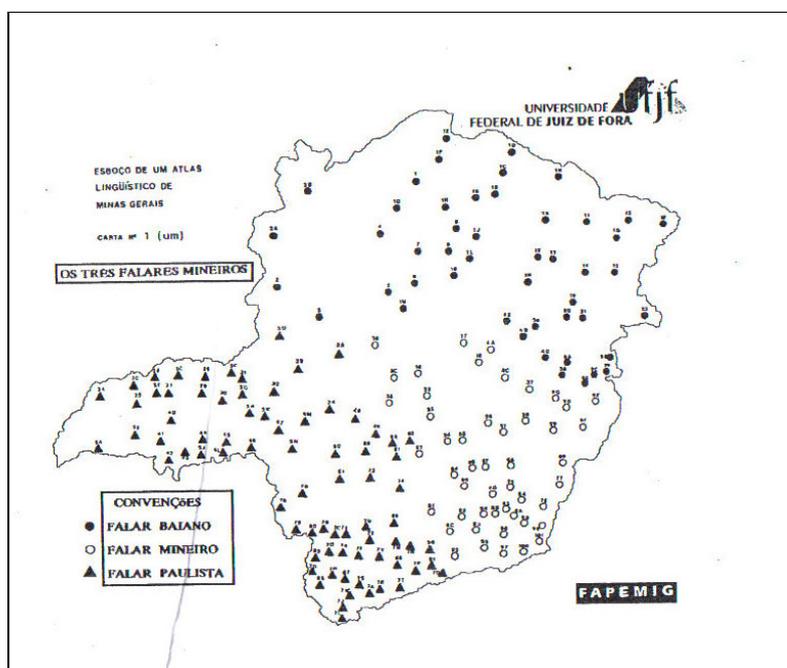
Um esboço dessas três vias, marcadas por um falar baiano, paulista e mineiro, pode ser visto na carta nº. 1 do *Esboço de Um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, reproduzido a seguir:

---

<sup>19</sup> NASCENTES, Antenor. *Bases para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. V. I e II. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958 e 1961.

### Mapa 1.

Ocupação de Minas Gerais em três vias  
marcadas pela existência de três falares no Estado.



Fonte: (Zágari, 1998. Carta nº. 1.)

Na verdade, essa divisão serve muito mais para mostrar as características predominantes em cada região do que para estabelecer limites físico-geográficos entre os diferentes “modos de falar” encontrados em todo o Estado, pois, segundo Zágari (*Ibidem*)

Ao se estabelecerem fronteiras, diga-se ser impossível demarcá-las como definitivas, quer por não poder balizá-las sem entrecruzamentos, quer porque aqui e ali elas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente. O que Minas apresenta são falares, isto é, realizações lingüísticas de agrupamentos humanos que podem ser associados a uma pronúncia característica, a um ritmo de fala e a uma que outra escolha de um item lexical.

Considerando a forma de ocupação de Belo Horizonte, a capital mineira, com sua forte característica de migração interna, acolheu agrupamentos humanos de várias regiões do Estado e, por isso mesmo, acabou se tornando um lugar de confluências dos diferentes falares encontrados no Estado. À medida que a capital foi se constituindo, a fala belo-orientina foi tomando coloração local de acordo com as condições geo-humanas da região. Tomando as palavras de Zágari (*Ibidem*) e Câmara Jr (1968), a fala belo-orientina poderia ser tratada como uma língua comum, que não se distingue dos diversos falares predominantes no Estado a não ser por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas as particularidades numa língua comum.

### **3.3. A dimensão das amostras**

Para a realização desse estudo, foram selecionadas duas amostras, uma relativa à fala de Belo Horizonte ‘BH’ e a outra relativa à fala de Venda Nova ‘VN’. Optamos por lidar com duas amostras de uma mesma localidade por uma razão: embora a região de Venda Nova integre o município de Belo Horizonte, essa área possui uma formação sócio-histórica que a diferencia da capital, conforme vimos na seção 3.2.3.

Os *corpora* de língua falada, constituídos de conversas em situações informais, reuniram informantes nascidos na cidade de Belo Horizonte, ou nela residentes por um período igual ou superior a 2/3 de suas vidas. As entrevistas da amostra de ‘BH’ fazem parte do acervo do NUPEVAR (Núcleo de Pesquisa em Variação Lingüística da Faculdade de Letras da UFMG) e foram realizadas por alunos de graduação da Faculdade de Letras da UFMG e organizadas pela professora Dra. Jânia Ramos. As entrevistas que compõem a amostra de ‘VN’ foram realizadas por Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo, seguindo os mesmos

critérios pré-estabelecidos para a composição de *corpora* de língua falada com base na Sociolingüística Laboviana. Utilizou-se o modelo de entrevista sociolingüística do tipo DID<sup>20</sup> (diálogo entre o documentador e o informante), respeitando-se o consentimento livre e esclarecido do informante<sup>21</sup>.

### 3.3.1. A estratificação das amostras

A amostra de ‘BH’ foi composta por 18 informantes e apresenta a seguinte estratificação: 9 informantes para cada gênero, masculino e feminino, divididos em três faixas etárias: (I) jovens (15-29 anos); (II) adultos (30-45 anos); e (III) velhos (46-76 anos); dois níveis de escolaridade: baixa escolaridade (ensino fundamental) e alta escolaridade (ensino médio ou superior). Devido ao número reduzido de ocorrências encontrado na amostra de ‘BH’, apenas 239 dados, optamos por integrar à análise aqui realizada a amostra de ‘VN’, composta por 36 informantes.

A amostra de ‘VN’, composta por 36 informantes, apresenta a seguinte estratificação: 18 informantes para cada gênero, masculino e feminino, divididos em três faixas etárias: (I) jovens (15-29 anos); (II) adultos (30-45 anos); e (III) velhos (46-76 anos); dois níveis de escolaridade: baixa escolaridade (ensino fundamental) e alta escolaridade (ensino médio ou superior). Isso fica claro na estratificação de cada amostra, separadamente.

---

<sup>20</sup> O roteiro de entrevista pode ser consultado no Anexo 1.

<sup>21</sup> O modelo do termo de consentimento encontra-se no Anexo 2.

**Quadro 1: Estratificação da Amostra de Belo Horizonte.**

Informante	Código	Faixa Etária	Gênero do Informante	Escolaridade	Naturalidade	Mora em BH há...
CJF.22	E.1 - 'BH'	Jovens	Masculino	Alta	Betim	20 anos
GVS.15	E.2 - 'BH'			Baixa	Belo Horizonte	15 anos
GDS.22	E.3 - 'BH'			Alta	Belo Horizonte	22 anos
LAL.21	E.4 - 'BH'		Feminino	Baixa	Belo Horizonte	21 anos
SN.15	E.5 - 'BH'			Baixa	Belo Horizonte	15 anos
CMB.21	E.6 - 'BH'			Alta	Belo Horizonte	21 anos
EAO.30	E.7 - 'BH'	Adultos	Masculino	Baixa	Belo Horizonte	30 anos
JCS.33	E.8 - 'BH'			Alta	Central de Minas	25 anos
CGM.33	E.9 - 'BH'			Baixa	Belo Horizonte	33 anos
DMS.35	E.10 - 'BH'		Feminino	Baixa	Serro	21 anos
MCR.30	E.11 - 'BH'			Alta	Belo Horizonte	28 anos
ERS.34	E.12 - 'BH'			Alta	Belo Horizonte	34 anos
RCB.50	E.13 - 'BH'	Velhos	Masculino	Alta	Belo Horizonte	50 anos
G.60	E.14 - 'BH'			Baixa	Leopoldina	43 anos
JLC.76	E.15 - 'BH'			Baixa	Belo Horizonte	60 anos
GJA.48	E.16 - 'BH'		Feminino	Alta	Diamantina	38 anos
LCS.69	E.17 - 'BH'			Baixa	Belo Horizonte	69 anos
AMV.65	E.18 - 'BH'			Baixa	Belo Horizonte	65 anos

Conforme especificado na seção 3.3., a grande maioria dos informantes são naturais de Belo Horizonte. Do total de 18 informantes que compõem a amostra de 'BH', apenas 05 nasceram em cidades do interior de Minas e migraram para Belo Horizonte ainda crianças, o que os caracterizam como falantes do dialeto belo-horizontino. Essa amostra, porém, é menor que a amostra 'VN' por uma razão meramente metodológica: ao fazer o levantamento dos dados vimos ser reduzido o número de ocorrências do pronome de 3ª. pessoa masculino plural, o que nos mostrou ser necessário ampliar a amostra. Entretanto, ao utilizar a amostra 'VN', constatamos estar diante de duas amostras distintas, o que possivelmente seria um problema na análise dos resultados. Por isso, decidimos manter a amostra 'BH' como estava e dobrar o número de informantes na amostra 'VN'.

**Quadro 2: Estratificação da Amostra de Venda Nova**

Informante	Código	Faixa Etária	Gênero do Informante	Escolaridade	Naturalidade
ARS	E.1 - 'VN'	Jovens	Masculino	Baixa	Belo Horizonte
LFFC	E.2 - 'VN'				Belo Horizonte
ACF	E.3 - 'VN'				Belo Horizonte
BEMO	E.4 - 'VN'			Alta	Belo Horizonte
WRS	E.5 - 'VN'				Belo Horizonte
EGCJ	E.6 - 'VN'				Belo Horizonte
CAGM	E.7 - 'VN'		Feminino	Baixa	Belo Horizonte
DSSB	E.8 - 'VN'				Belo Horizonte
KCS	E.9 - 'VN'				Belo Horizonte
KGM	E.10 - 'VN'			Alta	Belo Horizonte
FCS	E.11 - 'VN'				Belo Horizonte
IDS	E.12 - 'VN'				Belo Horizonte
EdnBF	E.13 - 'VN'	Adultos	Masculino	Baixa	Belo Horizonte
EdsBF	E.14 - 'VN'				Belo Horizonte
CMO	E.15 - 'VN'				Belo Horizonte
JCLB	E.16 - 'VN'			Alta	Belo Horizonte
RFD	E.17 - 'VN'				Belo Horizonte
RMLA	E.18 - 'VN'				Belo Horizonte
GEG	E.19 - 'VN'		Feminino	Baixa	Belo Horizonte
RGS	E.20 - 'VN'				Belo Horizonte
DO	E.21 - 'VN'				Belo Horizonte
AHGP	E.22 - 'VN'			Alta	Belo Horizonte
WAR	E.23 - 'VN'				Belo Horizonte
MFP	E.24 - 'VN'				Belo Horizonte
WAM	E.25 - 'VN'	Velhos	Masculino	Baixa	Belo Horizonte
LCR	E.26 - 'VN'				Baldim
RAS	E.27 - 'VN'				Belo Horizonte
AFC	E.28 - 'VN'			Alta	Belo Horizonte
GFA	E.29 - 'VN'				Diamantina
SCMS	E.30 - 'VN'				Belo Horizonte
SMG	E.31 - 'VN'		Feminino	Baixa	Teófilo Otoni
FaCaS	E.32 - 'VN'				Belo Horizonte
ADSS	E.33 - 'VN'				Belo Horizonte
ASAC	E.34 - 'VN'			Alta	Belo Horizonte
SRFF	E.35 - 'VN'				Belo Horizonte
SMS	E.36 - 'VN'				Diamantina

Com relação à amostra de 'VN' cabe mencionar que todos os informantes são moradores da Região de Venda Nova, situada ao norte da capital por mais de 15 anos. Dos 36 informantes, apenas 4 não são naturais de Belo Horizonte, mas vivem na região de Venda Nova desde os tempos de infância.

### 3.4. A escolha das variáveis

No decorrer da análise dos resultados foram realizadas várias rodadas estatísticas, a fim de investigar se havia interferência entre as variáveis selecionadas. A escolha de cada uma será justificada na seção 3.4.2.

#### 3.4.1. A variável dependente

A proposta básica deste estudo consiste em investigar o comportamento do pronome ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito no português falado. Selecionamos, portanto, como **Variável Dependente**, duas formas de ocorrências de sujeito indeterminado.

(38) *Eles tinham condição de pagá ele.* (E.10-‘VN’)

(39) *Tinham condição de dá ele uma vida boa.* (E.10-‘VN’)

Observando a variação entre essas duas formas, pretende-se precisar os condicionamentos da variável realização plena e nula do pronome ‘eles’.

#### 3.4.2. As variáveis independentes

##### 3.4.2.1. Os fatores lingüísticos

No presente estudo foram testados seis fatores internos. Passaremos a apresentar cada um, justificando sua escolha e exemplificando-os com ocorrências extraídas das amostras analisadas, conforme já mencionado.

### **FATOR 1: Referência ( $\pm$ determinada) da variável dependente**

O primeiro fator analisado, referência [ $\pm$ determinada] do sujeito, nos permitirá fazer uma separação das ocorrências de sujeitos determinados, de um lado, e de sujeitos indeterminados, do outro. Esse recorte inicial dos *corpora* será posteriormente retomado e detalhado.

### **FATOR 2: Referência do SN que é retomado pelas variantes pronominais, funcionando como seu antecedente.**

Esse fator diz respeito ao tipo de referência do SN que é retomado pelo pronome ‘eles’. Foram definidas quatro classes de SNs: (1) definidos, (2) genéricos, (3) coletivos e (4) locativos.

#### **2.1. Referência definida**

Os sujeitos de referência definida são aqueles que apresentam um referente explícito no contexto. A referência definida se estabelece através da co-referência entre dois constituintes, aqui estabelecida entre o pronome ‘eles’ e o SN antecedente.

(40) *Os meninos num dão sossego, cada dia eles aprontam uma com a gente.* (E.17 - ‘BH’)

Em (40) temos um SN antecedente definido, ‘os meninos’, explícito no contexto lingüístico, sendo retomado pelo pronome ‘eles’. Nesse caso, não há dúvida quanto ao tipo de sujeito da sentença, que é totalmente determinado: a co-referência entre o SN antecedente e o pronome é total.

## 2.2. Referência genérica

Segundo Câmara JR. (1981, p.302),

Diz-se que uma palavra é genérica (ou que tem um sentido genérico) quando serve para nomear uma classe natural de seres e objetos de cada um dos quais, tomado separadamente, recebe uma denominação particular. Assim a palavra ‘peixe’ é o genérico de uma classe cujos membros são: o lambari, a traíra, etc. Em português, o artigo definido (o) pode conferir ao SN que ele constitui com um nome esse valor genérico. Assim o lambari pode ser, por sua vez, um genérico; a categoria natural assim constituída tem por membros “lambaris” específicos.

(41) *O sertanejo é um cara muito bão eles confiam na sua palavra.* (E.36 - ‘VN’)

A sentença (41) traz o SN, ‘o sertanejo’, que define não o ‘agente’, e sim um conjunto de indivíduos que representa uma classe inteira de indivíduos, isto é, um grupo genérico.

Considerando também o estudo de Ana Müller (2003), que trata da expressão da genericidade no Português do Brasil, pode-se dizer que no PB há dois modos para expressar genericidade: *expressões de referência a espécies* – expressões que expressam diretamente uma espécie, e *quantificação genérica sobre sentenças* – sentenças sob o escopo de um operador de genericidade. Assim sendo, vários tipos de expressões genéricas podem ser usadas em PB, como se vê nas sentenças (1-2), extraídas de Müller (op. cit. p.154), aqui repetidas como (42-43).

(42) a. *Brasileiro* dança bem.

“Geralmente, se alguém é brasileiro, dança bem”.

b. *Gen* [brasileiro x; *dança bem* x]

(43) a . *O Brasileiro* dança bem.

“A espécie [Brasileiro] tem a propriedade de dançar bem”

b. *dança bem* (Brasileiro)

Partindo dos exemplos acima, chega-se a idéia central de Müller de que *o artigo genérico seleciona uma única espécie (ao invés de um único indivíduo) à qual pertencem todas as realizações de um predicado*. Para Müller, *espécies* são uns certos tipos de indivíduos e *expressões de referência a espécies* são expressões que se referem a essas entidades.

Os indefinidos genéricos são tratados como indefinidos heiminianos, ou seja, como fórmulas contendo uma variável livre (*um brasileiro = brasileiro (x)*) (cf. Heim, 1982 *apud* Müller, op. cit. p.159). Portanto, segundo Müller,

Se o indefinido singular, o singular nu e o plural nu são todos indefinidos ‘normais’ no PB, eles adquirem seu significado genérico do fato de estarem participando de sentenças genericamente quantificadas nas quais suas variáveis são ligadas pelo operador *Gen*.

Ainda segundo Muller (op. cit.p.156), dados como:

(44) *O automóvel chegou ao Brasil no século XX;*

(45) *As cobras são animais perigosos;*

(46) *Um número par é sempre divisível por dois;*

(47) *Homem não chora;*

(48) *Professores trabalham muito;*

mostram que expressões genéricas em português podem ser marcadas por um quantificador genérico definido ou indefinido, ou simplesmente pelo SN ‘nu’.

## 2.2. Referência coletiva

Partindo da definição de Du Bois (1995, p.166), chama-se coletivo:

Um traço distintivo da categoria de número que indica a representação de um grupo de entidades, isoláveis, consideradas como um todo. Os substantivos coletivos podem ser derivados de substantivos contáveis por meio de afixos específicos, como ‘al’ em pessoa → pessoal.

(49) *Aquele povo que eu não entendia e eles não me entendiam também.* (E.6 – ‘BH’)

Neste caso, o SN antecedente ‘aquele povo’ representa um grupo de indivíduos, isto é, um conjunto expresso como um todo, diferente de um SN genérico, que representa uma classe inteira. Para distinguir um nome coletivo de um nome genérico, adotamos os seguintes critérios:

- (a) Os nomes genéricos aceitam ser pluralizados sem causar nenhum problema à sua interpretação como nomes que abrangem um conjunto geral. Ex.: o estrangeiro → os estrangeiros; o parisiense → os parisienses; candidato → candidatos.
- (b) Os nomes coletivos, por sua vez, não podem ser pluralizados da mesma forma que os genéricos, uma vez que os nomes coletivos são *substantivos que, morfológicamente no singular, indicam pluralidade de seres* (Jota, 1976, p.67). Assim sendo, ‘o pessoal’ não aceita plural, como acontece com os nomes genéricos. O SN, ‘\* os pessoais’, seria, portanto, agramatical em nossa língua. O plural de ‘o povo’, ‘o exército’, por exemplo, modificaria a

interpretação desses substantivos como nomes coletivos. O SN ‘o exército’, no plural, deixaria de representar o coletivo de soldados e passaria a designar vários grupos de exércitos; os povos, vários conjuntos de povos de diferentes nações, e não o coletivo de várias pessoas.

### 2.3. Referência locativa

Segundo Jota (op.cit., p.199), o locativo *é o caso que indica o lugar em que se processa a ação verbal*. Neste caso, a ocorrência do ‘eles’ é favorecida por um cenário definido, mas não por um sujeito determinado.

(50) *Lá na Bahia, a porta da casa abre, eles num olham quem é.* (E.29 – ‘VN’)

Em (50) observa-se um uso comum no português. Encontramos como antecedente para o pronome ‘eles’ o SN locativo, ‘lá na Bahia’, que parece conferir ao sujeito uma referência quase definida, porém sem total co-referência entre o pronome e o SN retomado.

### 2.4. Referência indefinida

Por fim, o pronome ‘eles’ carrega o traço [-definido]. O traço indefinido, segundo Du Bois (op. cit., p.337), é interpretado semanticamente pela ausência de toda referência a um SN explícito. O grupo dos indefinidos, portanto, seria aquele cujo pronome ‘eles’ não mantém correspondência com nenhum SN antecedente materialmente presente no texto. Veja-se o exemplo abaixo:

(51) *Eles falam que amizade de buteco não vale nada.* (E.19 –‘VN’)

Com base nas definições e critérios acima, foi possível verificar o comportamento da variante ‘eles’ pleno em relação a cada uma das classes ou categorias enumeradas.

### **FATOR 3. Concordância de gênero entre o SN antecedente e a variável dependente**

O pronome ‘eles’ é do gênero masculino. Entretanto, ser masculino pode indicar ausência de marca de gênero, conforme atestam Mattoso Câmara (1972, 1977) e Martins (1975). A possibilidade de termos para o pronome ‘eles’ um caso de não marcação dessa categoria morfológica motivou a testagem desse fator.

### **FATOR 4. Concordância de número entre o SN antecedente e a variável dependente**

Corrêa (1998) encontrou ocorrências de não concordância de número entre o pronome ‘eles’ e o SN retomado. Esse fato motivou a testagem desse fator.

### **FATOR 5. Traço [ $\pm$ humano] do sujeito**

O traço [ $\pm$  humano] do sujeito foi controlado em virtude da observação de Rolleberg et alli (1991) de que o sujeito indeterminado é sempre [+humano]. Como estamos lidando com um conjunto de dados que inclui ocorrências de natureza determinada e indeterminada, buscaremos verificar a força desse fator nos *corpora* analisados.

## **FATOR 6. Tipo de oração**

O fator interno, tipo de oração, compreende as orações principais e as orações encaixadas. Estudos variacionistas têm mostrado que o controle desse fator é de fundamental importância para se verificar o avanço de uma mudança em progresso na língua. Segundo Labov (1972), as mudanças ocorrem primeiro nas orações principais, atingindo em seguida as orações encaixadas.

### **3.4.2.2. Os fatores sociais**

Serão considerados três fatores externos: gênero do informante (masculino e feminino), faixa etária (jovens, adultos e velhos) e nível de escolaridade (baixa e alta escolaridade).

Com o estudo da faixa etária, esperamos verificar, com base no tempo aparente, se o uso do pronome ‘eles’ indeterminador do sujeito está sinalizando algum processo de mudança na língua. Segundo a Teoria da Variação, uma mudança em progresso pode ser identificada quando encontramos uma curva em ‘S’, ou seja, maior percentual de ocorrências da variante inovadora entre os jovens com diminuição subsequente nas faixas etárias dos adultos e dos velhos.

Outra variável independente escolhida é o gênero do informante. Consoante LABOV (1966, 1972), o controle dessa variável tem sido muito significativo nos estudos sociolinguísticos, por demonstrar como os falantes avaliam socialmente o uso de uma determinada forma em processo de variação.

Labov (2001) e outros esclarecem que as formas inovadoras tendem a ocorrer com maior frequência na fala das mulheres, desde que tal forma não seja estigmatizada

socialmente. Por essa razão, nosso olhar para o fator social gênero do informante servirá para mostrar como homens e mulheres têm-se comportado frente ao uso do pronome ‘eles’.

A variável, nível de escolaridade, também tem sido freqüentemente controlada nos estudos sociolingüísticos. Quando o assunto é mudança morfossintática, tem sido significativo observar o papel da escola no espriamento de variantes lingüísticas. Geralmente, é esperado que a escola exerça algum tipo de interferência na produção lingüística dos falantes.

### **3.5. A codificação dos dados**

Seguindo as exigências do programa estatístico, cada uma das variantes da variável dependente recebeu um código. Foram adotados os códigos 0 e 1, respectivamente, para as variantes nula e plena do pronome de 3<sup>a</sup>. pessoa masculino plural. Para as demais variantes, foram utilizadas letras do alfabeto, procurando associá-las, sempre que possível, aos fatores investigados. Vejamos o quadro com a codificação das variantes:

Quadro 3. Codificação das Variantes

<b>VARIÁVEL DEPENDENTE</b>	
Forma Nula	0
Forma Plena	1
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS</b>	
<b>Gênero do informante</b>	
Masculino	H
Feminino	M
<b>Faixa etária</b>	
Faixa I (jovens)	J
Faixa II (adultos)	A
Faixa III (velhos)	V
<b>Escolaridade</b>	
Baixa escolaridade (ensino fundamental)	F
Alta escolaridade (ensino médio e superior)	S
<b>VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS</b>	
<b>FATORES SEMÂNTICOS</b>	
<b>Referência da variável dependente [+ determinada]</b>	B
<b>Referência da variável dependente [- determinada]</b>	T
<b>Tipo de referência do SN antecedente</b>	
Referência a um SN definido	N
Referência a um SN coletivo	C
Referência a um SN genérico	G
Referência a um SN locativo	L
Referência indefinida	Z
<b>Traço [± humano] da variável dependente</b>	
[+ humano]	Q
[- humano]	R
<b>FATORES MORFO-SINTÁTICOS</b>	
<b>Concordância de gênero entre o pronome e o SN antecedente</b>	
Concorda	X
Não concorda	Y
<b>Concordância de número entre o pronome e o SN antecedente</b>	
Concorda	K
Não concorda	V
<b>FATOR SINTÁTICO</b>	
<b>Tipo de oração</b>	
Principal	P
Encaixada	E

### **3.6. Sobre o programa de regras variáveis a ser utilizado na pesquisa**

Para a análise quantitativa dos dados foi utilizado o modelo proposto pela Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1972, 1994, 2001). Tal modelo, por sua vez, é executado através do programa estatístico VARBRUL, mais especificamente, *GoldVarb* 2001 (Robinson, Lawrence e Tagliamonte, 2001).

### **3.7. Considerações finais**

O uso adequado da metodologia é imprescindível aos trabalhos variacionistas. Desde a seleção da amostra até a análise dos resultados deve-se seguir os pressupostos da Teoria da Variação para que os resultados sejam expressivos. Saber lidar com os dados não é simplesmente submetê-los ao programa estatístico e pronto. O mais importante é selecionar as variáveis e interpretar os resultados fornecidos pelo programa estatístico.

## 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Lidar com dados de fala em Sociolinguística é trabalho pesado. É se deparar, a cada dia, com um problema novo. É pesquisar, pesquisar... para igualmente chegar a uma solução nova.

(“Palavras da profa. Jânia Ramos”)

### 4.1. Introdução

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise quantitativa da variável dependente, cujas variantes são a forma plena e a forma nula do pronome de 3ª. pessoa no masculino plural, na função de sujeito. Vejam-se os exemplos abaixo.

(52) *Eles já apelidaram ele de Viajando H. Cardoso.* (E.2 – ‘BH’)

(53) *Levaram o telefone ficô só o dedo.* (E.17 – ‘VN’)

Em síntese, as variantes da variável linguística podem ser assim esquematizadas:

**Quadro 4. A Variável Dependente**

Variável dependente	Variantes
Terceira pessoa masculino plural	{eles com verbo no plural} {Ø com verbo no plural}

Interessa-nos verificar: (i) qual o comportamento das variantes em relação aos fatores controlados; (ii) qual a posição do pronome ‘eles’ numa escala de indeterminação do sujeito; e (iii) o que tais resultados podem acrescentar à discussão relativa à tendência de preenchimento da posição de sujeito no português brasileiro.

Esse capítulo é dedicado à apresentação dos resultados. Primeiramente, apresentam-se os resultados relativos à amostra de ‘BH’. Em seguida, faz-se uma comparação dos resultados das amostras de ‘BH’ e de ‘VN’. Por fim, são apresentadas as conclusões acerca do capítulo.

#### 4.1.1. Detalhamento dos dados

Antes de passar à apresentação dos resultados, faz-se necessário algumas considerações com relação ao levantamento dos dados. Após um levantamento global das ocorrências do pronome ‘eles’, em suas realizações plena e nula, na posição de sujeito, foram identificadas 249 ocorrências na amostra de ‘BH’ e 640 ocorrências na amostra de ‘VN’. Verificou-se que cerca de 4% do total dos dados arrolados, nas duas amostras, era composto de sentenças com o pronome sujeito ‘eles’ com verbo no singular, como em (i). Foi, então, necessário excluir dos *corpora* todas essas ocorrências pela seguinte razão. Embora inequívocas quando o sujeito era lexicalmente realizado, como em (i), eram difíceis de ser identificadas quando o sujeito não estava lexicalmente realizado, como em (ii). Essa dificuldade já não se verificava quando o verbo estava no plural, como em (iii).

- (i) *Eles vai construir mais penitenciárias.*
- (ii) *Ø vai construir mais penitenciárias.*
- (iii) *Ø vão construir mais penitenciárias.*

Diante disso, optamos por fazer novo recorte, de modo a compor nossos *corpora* apenas as ocorrências com verbo no plural. Chegamos, então, a um total de 239 dados na amostra de ‘BH’ e 616 dados na amostra de ‘VN’.

Outro tipo de ocorrência excluída dos *corpora* foi a variante  $\emptyset$ , quando esta se encontrava na posição de sujeito da 2ª. oração coordenada, já que esse contexto é categoricamente nulo nas línguas *pro-drop*, conforme mostram vários estudos que tomam como objeto de análise línguas de sujeito não nulo<sup>22</sup>. Com isso, buscamos constituir os *corpora* de maneira que os resultados possam mostrar o comportamento das variantes ‘eles’ pleno e nulo, como recurso de indeterminação do sujeito, sem interferência de dados que pudessem enviesar os resultados. Passaremos à apresentação dos resultados relativos à amostra de ‘BH’.

#### 4.2. A variável dependente

Com relação à delimitação do fenômeno linguístico variável, temos, a seguir, a distribuição das ocorrências no *corpus* de ‘BH’, que soma 239 ocorrências do item ‘eles’, quer em sua realização plena, quer nula. Os dados foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb 2001*, e foi possível verificar que as ocorrências em análise apresentam uma distribuição sistemática, apresentada na tabela 1.

**Tabela 1. Distribuição das ocorrências de 3ª. pessoa masculino plural, em suas formas plena e nula, ‘BH’**

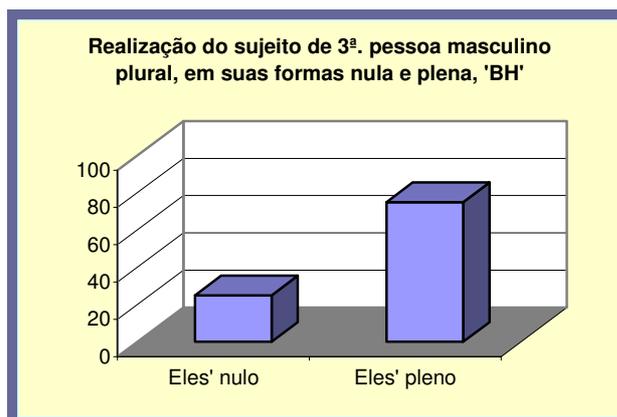
	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens <sup>23</sup>
‘Eles’ pleno	177/239	74%
Zero ( $\emptyset$ )	62/239	25%

<sup>22</sup> Segundo Duarte (1995, p.39), “Nas línguas do tipo italiano, estruturas subordinadas com sujeitos co-referentes têm obrigatoriamente o segundo ou ambos os sujeitos nulos. O uso do pronome pleno de terceira pessoa numa estrutura desse tipo implicaria uma referência disjunta.

<sup>23</sup> O programa *Goldvarb 2001* oferece um resultado que soma 99% e não 100%. Optamos por não arredondar os resultados.

Ao todo foram levantados 177 dados de ‘eles’ pleno e 62 dados da variante Ø. De um modo geral, observa-se que o uso da forma plena ‘eles’ apresenta um preenchimento lexical de 74%. Isso fica claro no gráfico 1.

**Gráfico 1.**



O gráfico mostra que, em ‘BH’, o pronome pleno ‘eles’ tem sido a forma preferida entre os falantes belo-horizontinos para expressar o sujeito na 3ª. pessoa masculino plural. Esse resultado traz evidências de que o uso do ‘eles’ com verbo no plural está inserido num processo mais geral da língua, o de preenchimento do sujeito no PB. Abordaremos essa questão no capítulo V. Passaremos agora à análise dos fatores selecionados pelo programa *Goldvarb 2001*.

#### **4.3. As variáveis internas**

Como variáveis independentes, foram analisados nove grupos de fatores, seis internos e três externos, conforme explicitado no capítulo III. Foram considerados estatisticamente significativos os seguintes fatores: (i) referência [ $\pm$ indeterminada] do pronome; (ii) tipo

semântico do SN antecedente retomado pela variante; (iii) faixa etária; e (iv) escolaridade do informante. Passaremos, então, a comentar cada um separadamente.

#### 4.3.1. Referência [ $\pm$ determinada] do sujeito

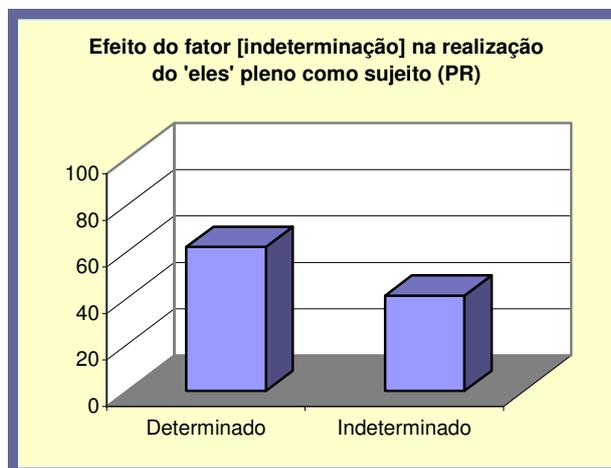
De acordo com as Gramáticas Tradicionais, a categorização do sujeito no português brasileiro é tratada de forma bipolar: determinado/indeterminado. Num primeiro momento, vamos tratá-la dessa maneira. Na primeira rodada dos dados, consideramos todos os fatores externos investigados: gênero do informante, faixa etária e escolaridade e o fator interno: tipo de referência do sujeito, se determinado ou indeterminado. Dessa forma, buscamos capturar o efeito desse fator no condicionamento das variantes, forma plena e forma nula do sujeito de 3ª. pessoa masculino plural. Vejamos a tabela 2.

**Tabela 2. Efeito da referência [ $\pm$  determinada] do pronome ‘eles’ como sujeito**

	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Sujeito determinado	83/100	83%	.62
Sujeito indeterminado	94/139	67%	.41
Total	177/239	74%	-

Como se pode constatar, o uso do pronome ‘eles’ pleno na posição de sujeito é maior quando o sujeito é determinado, (.62). Isso mostra que o sujeito [+det] favorece a ocorrência do sujeito ‘eles’ pleno. Vejamos o gráfico 2.

Gráfico 2.



Esse gráfico mostra que, além de realizar sujeitos determinados, o pronome ‘eles’ também realiza sujeitos indeterminados no português falado em Belo Horizonte. A porcentagem de 67% e o peso relativo de (.41) de sujeitos indeterminados são surpreendentes. De acordo com as recomendações das GTs, a expectativa era de ocorrência categórica da forma nula neste contexto. Conforme mostra o gráfico 2, a variante ‘eles’ é também um recurso usado no português falado para indeterminar o sujeito. Passemos adiante à análise do fator interno: tipo semântico do SN antecedente retomado pela variante ‘eles’.

#### 4.3.2. Tipo de referência do SN antecedente retomado pela variante ‘eles’

Para avaliar esse novo fator, que é um refinamento do fator [tipo de referência da variável dependente], realizamos uma nova rodada, codificando os enunciados marcados

[+determinados] como [definidos]<sup>24</sup>; os demais enunciados foram codificados conforme uma das quatro classes a seguir: genérico, locativo, coletivo ou indefinido. Essa nova classificação, conforme vimos no capítulo III, tem como critério o tipo semântico do SN retomado pelo pronome, funcionando como seu antecedente. Essa foi a maneira encontrada para que não houvesse sobreposição de fatores. O quadro 5 resume essa nova classificação dos dados.

**Quadro 5. Classificação das ocorrências do pronome sujeito ‘eles’ indeterminado**

Tipos de ocorrências	Referências do SN antecedente
<i>A empresa, eles reembolsavam passagem, hospedagem, alimentação.</i> (E.9 - ‘VN’)	Genérico
<i>Aí o pessoal, eles foram embora do acampamento.</i> (E.4 - ‘BH’)	Coletivo
<i>O povo de Uberlândia, eles não se preocupam com esse negócio.</i> (E.23 - ‘VN’)	Locativo
<i>Então eles fazem essas pontes.</i> (E.12 - ‘BH’)	Indefinido <sup>25</sup>

A partir dessa nova categorização, foi possível identificar diferentes usos do pronome sujeito ‘eles’, trazendo evidências de que a indeterminação do sujeito não ocorre de forma bipolar, apenas, ou seja; o sujeito não é simplesmente, ora determinado, ora indeterminado. Há, de fato, usos intermediários que podem ser descritos como usos em contextos de graus diferentes de indeterminação.

Vejamos a tabela 3, que resultou de uma nova rodada, em que se considerou apenas o conjunto das ocorrências não determinadas.

<sup>24</sup> Optamos por usar os termos definido e indefinido para codificar os sujeitos determinados e indeterminados, propriamente ditos, por uma razão: se usássemos o termo determinado e indeterminado no lugar de definido e indefinido, respectivamente, ficaria difícil detalhar os SNs genéricos, coletivos e locativos, como subclasses dos sujeitos indeterminados.

<sup>25</sup> Ressaltamos que a classe dos definidos corresponde aos sujeitos indeterminados propriamente ditos. O uso do termo ‘indefinido’ serviu para deixar claro que o pronome ‘eles’ não retoma nenhum antecedente explícito.

**Tabela 3. Ocorrência do pronome ‘eles’, conforme o tipo de referência do SN antecedente, ‘BH’**

	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Genérico	20/23	86%	.81
Coletivo	28/36	77%	.54
Locativo	13/14	92%	.84
Indefinido	33/66	50%	.22
Total	94/139*	74%	-

\*Nesta rodada excluímos as ocorrências em que o SN antecedente era definido.

Com base nessa rodada, verificou-se o seguinte comportamento do ‘eles’, segundo o tipo de referência do SN antecedente. Os resultados mostram que a ocorrência de SNs locativos como antecedente é a que mais favorece a ocorrência do pronome ‘eles’ pleno, com peso relativo (.84). Em segundo lugar, aparece o grupo com referência genérica (.81), seguido do grupo com referência coletiva (.54) e, por fim, temos o grupo dos indeterminados propriamente ditos, com peso relativo de (.22). Estes resultados nos levam a uma hierarquia quanto à preferência pelo uso da variante plena, a saber:

**(54) locativo (.84) > genérico (.81) > coletivo(.54) > indefinido (.22)**

Podemos afirmar que o contexto mais resistente ao uso da variante plena é aquele em que o SN retomado não está explícito (subclasse dos indefinidos). Podemos, por outro lado, constatar que há preferência pelo uso da variante plena quando essa retoma SNs locativos. O fato de a retomada de um SN locativo favorecer a ocorrência do pronome ‘eles’ possivelmente está relacionada a uma razão mais de ordem semântica do que propriamente sintática. O SN locativo funciona como um cenário definido, permitindo a retomada pelo pronome ‘eles’, sem causar nenhuma estranheza ao falante.

A hierarquia de preferência apresentada em (54) reflete, ela mesma, uma escala de definitude, conforme veremos no capítulo V. Isso é importante porque mostra um condicionamento semântico no uso da variante plena.

#### **4.3.3. Traço [ $\pm$ humano] do sujeito**

O fator [ $\pm$ humano] não foi selecionado pelo programa. Como se sabe, ao submeter os dados ao programa estatístico e verificar um *knockout* em algum grupo de fatores, significa que o fenômeno é categórico com relação àquele fator e, por isso, não há como há como verificar sua significância em peso relativo. O traço [+humano] mostrou-se categórico nos dados arrolados com referência [-definida], o que justifica o *knockout*. Esse resultado confirma o que Rollemberg et alli (1991) e outros já haviam observado sobre a propriedade dos sujeitos indeterminados sempre carregar o traço [+humano].

#### **4.3.4. Concordância de gênero e de número entre o pronome ‘eles’ e o SN antecedente**

Nenhum dos fatores relacionados à concordância foi selecionado. Quanto à concordância de gênero, quer o gênero gramatical do SN antecedente seja masculino ou feminino, a retomada acontece normalmente pelo pronome no masculino<sup>26</sup>. É razoável supor que o pronome ‘eles’, com referência indeterminada, não seja masculino propriamente dito, conforme argumentam Câmara Jr. (1972) e Martins (1975) a favor da idéia de que o masculino é a forma não marcada no português.

Quanto à concordância de número entre a variante plena e o SN antecedente, esta também se mostrou não significativa. Para verificar a força desse fator, insistimos numa nova

---

<sup>26</sup> Segundo Corrêa (1998:55), quando o pronome no feminino perde o traço [+definido], a probabilidade de indeterminação do sujeito é alta.

rodada, considerando apenas as subclasses ‘coletivo, locativo e genérico’, enunciados em que há um SN antecedente e a referência é [-determinada]. Num total de 138 ocorrências, encontramos 05 ocorrências com SN antecedente no plural. Isso mostra que a retomada no plural não é condição *sine qua non* para a ocorrência do pronome sujeito ‘eles’, ou seja, o sujeito indeterminado ocorre, estando seu antecedente no plural ou no singular.

#### 4.4. As variáveis sociais

Como variáveis sociais foram testados os seguintes fatores: gênero do informante, faixa etária e escolaridade. Desses fatores, apenas a escolaridade e a faixa etária foram selecionadas pelo programa *Goldvarb 2001*, como estatisticamente significativas.

##### 4.4.1. O fator externo: escolaridade

Foram selecionados informantes de acordo com dois níveis de escolaridade: baixa escolaridade (ensino fundamental) e alta escolaridade (ensino médio e superior). Esse fator foi selecionado em todas as rodadas, embora não seja necessário especificá-las uma a uma, já que o efeito desse fator é sistemático no fenômeno em estudo. Vejamos a tabela 5.

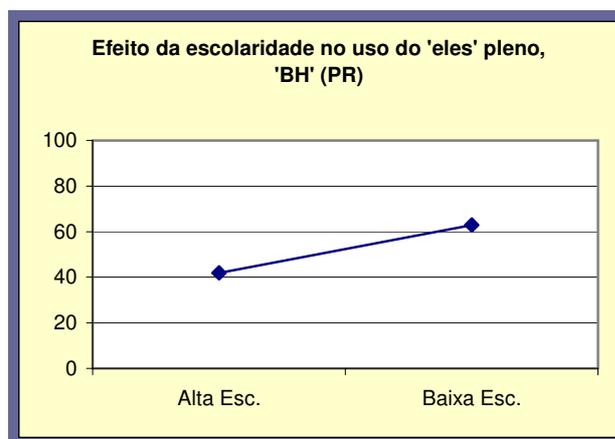
**Tabela 4. Efeito do fator escolaridade no uso do ‘eles’ pleno, ‘BH’<sup>27</sup>**

	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Baixa Escolaridade	98/123	79%	.63
Alta Escolaridade	79/116	68%	.42
Total	177/239	74%	-

<sup>27</sup> Esses resultados se referem à primeira rodada dos dados, quando o fator tipo de sujeito sem a interação com o fator tipo de referência do SN antecedente, foi considerado.

Os resultados mostram que o nível de escolaridade atua no condicionamento do uso da variante plena. A baixa escolaridade favorece a ocorrência do pronome 'eles' (.63), enquanto a alta escolaridade atua no seu desfavorecimento (.42). O efeito da escolaridade no uso do pronome 'eles' pode ser visto no gráfico 3.

**Gráfico 3.**



O gráfico mostra que a baixa escolaridade favorece mais o uso do 'eles' pleno como sujeito. Esse efeito foi sistemático em todas as rodadas em que o fator escolaridade foi testado.

#### **4.4.2. O fator externo: gênero do informante**

O fator gênero do informante não manifestou interferência no fenômeno. Tanto o gênero masculino quanto o gênero feminino usam a 3ª. pessoa masculino plural de forma indistinta, seja para expressar o sujeito determinado ou indeterminado. Esse resultado é interessante uma vez que estamos lidando com uma variante sintática. Espera-se que, nos fenômenos sintáticos, a força dos fatores sociais não exerça interferência substancial sobre o fenômeno.

### 4.4.3 O fator externo: faixa etária do informante

Sabe-se que, nos estudos sociolinguísticos, a análise da variável faixa etária dos informantes é de suma importância. Com base no estudo em tempo aparente é possível hipotetizar se estamos lidando com um fenômeno em variação estável, ou se estamos lidando com uma mudança em progresso na língua. Esse tipo de constatação só é possível a partir da verificação dos resultados encontrados em cada faixa etária. Um índice superior da forma inovadora na faixa etária dos jovens decrescendo até a faixa etária dos velhos indicaria um perfil de mudança em progresso na língua; percentuais semelhantes nas três faixas etárias indicariam uma variação estável.

#### 4.4.3.1. Análise da faixa etária com base na primeira rodada

Considerando as três faixas etárias: (I) jovens – 15-29 anos; (II) adultos – 30-45 anos; (III) velhos – 48-76 anos, observou-se o seguinte comportamento do ‘eles’ pleno, tomado como variante inovadora. Esse fator foi selecionado como estatisticamente significativo somente na rodada com todos os dados de sujeitos determinados e indeterminados. Vejamos a tabela 9.

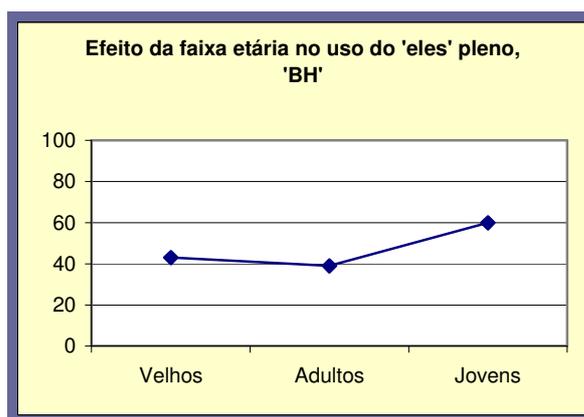
**Tabela 5. Efeito da faixa etária no uso do ‘eles’ pleno, na amostra de ‘BH’**

	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Velhos	35/50	70%	.43
Adultos	50/76	65%	.39
Jovens	92/113	81%	.60
Total	177/239	74%	-

Os resultados mostram que os jovens lideram o fenômeno, sendo responsáveis por 81% das ocorrências e peso relativo de (.60), o que seria uma evidência de mudança em progresso

na língua. O comportamento dos velhos e adultos é muito semelhante, com uma diferença percentual insignificante de apenas 5%, atestada pelos pesos relativos de (.39) entre os adultos e de (.43) entre os velhos. Vejamos o gráfico 4.

**Gráfico 4.**



O gráfico acima apresenta um perfil ascendente, com maior taxa de uso da variante inovadora entre os jovens (.60) e taxas menores, bastante semelhantes, entre as faixas etárias dos adultos (.39) e dos velhos (.43). Embora não tenhamos diferenças significativas entre os falantes de meia idade e os velhos, podemos hipotetizar que, na amostra de 'BH', a variável em análise apresenta um perfil de mudança em progresso.

Naro (2003) chama a atenção para o fato de que a preocupação com a inserção e a permanência no mercado de trabalho faz com as pessoas se mostrem mais cuidadosas com a própria fala. No caso do nosso estudo em especial, há que se considerar também que estamos utilizando dados de fala de Belo Horizonte, que por ser uma grande metrópole possui um mercado profissional muito competitivo, o que faz aumentar o cuidado que os adultos têm com a linguagem utilizada até mesmo em situações cotidianas, o que poderia ser uma explicação para o índice de frequência da variante nula entre os adultos, tendo como

conseqüência uma aproximação entre a fala dos adultos e dos idosos com relação ao uso dessa variante.

#### **4.5. Considerações sobre a amostra de ‘BH’**

A análise quantitativa feita com base na amostra de dados do Português Brasileiro falado em Belo Horizonte nos permitiu verificar que o pronome ‘eles’ é comumente usado para expressar o sujeito determinado e indeterminado no português falado, sendo maior a sua ocorrência quando o sujeito é determinado. Entretanto, o uso do ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito também se manifesta de forma expressiva no português falado em Belo Horizonte. Outra conclusão a que chegamos diz respeito à constatação de que a distinção entre sujeito indeterminado e sujeito determinado não é bipolar, mas gradual. Foi possível detalhar uma hierarquia e apontar diferentes contextos com base no tipo de referência do SN retomado pelas variantes em análise. Chegamos assim a quatro subclasses ou contextos de uso, todos incluídos no rol que as gramáticas tradicionais rotulam como “sujeitos indeterminados”, a saber: retomada pronominal de SN locativo, de SN coletivo, de SN genérico e uso de pronome que não retoma qualquer SN presente no discurso, categorizada como indefinidos, ou seja, os sujeitos indeterminados propriamente ditos.

Pudemos confirmar que o pronome “eles”, quando indeterminado, retoma sempre SNs [+humanos] e que geralmente não há concordância de número entre o pronome ‘eles’ e seu antecedente, quer a realização pronominal seja plena ou nula. O contexto preferencial da forma plena é a oração subordinada.

Quanto aos fatores externos, vimos que a escolaridade e a faixa etária favorecem a variante plena.

#### 4.6. Comparando as amostras

Apresentamos, nesta seção, os resultados obtidos a partir do *corpus* de BH, a fim de estabelecer uma comparação com os resultados do *corpus* de 'VN'. Vejamos a distribuição das ocorrências no *corpus* de 'VN', que somam 616 dados do sujeito de 3ª. pessoa masculino plural, quer em sua realização plena, quer nula. Os dados também foram submetidos ao Programa Estatístico de Regras Variáveis *Goldvarb 2001*, considerando as mesmas variáveis analisadas no *corpus* de 'BH'. Vejamos a tabela 6.

**Tabela 6. Distribuição das ocorrências de 3ª. pessoa masculino plural, em suas formas plena e nula, na década de 'VN'**

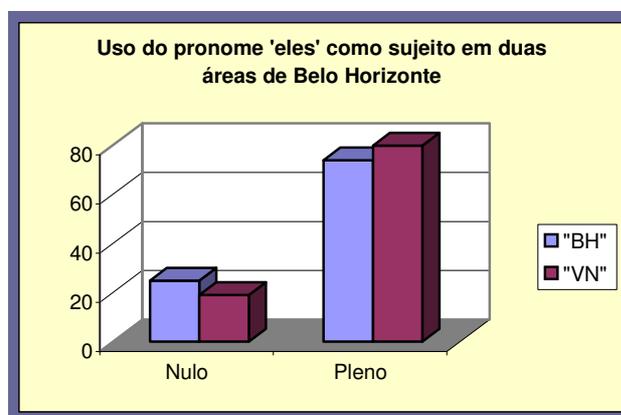
	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens <sup>28</sup>
'Eles' pleno	497/616	80%
Zero (Ø)	119/616	19%

De um modo geral, observa-se que o uso da forma plena 'eles' apresenta um preenchimento lexical de 80%, enquanto a forma nula apresenta um índice de 19%.

No *corpus* de 'VN', o pronome pleno 'eles' também é a forma mais usada pelos falantes para expressar o sujeito na 3ª. pessoa do plural. Uma comparação com os resultados de 'BH' nos permite verificar o comportamento do fenômeno nas duas localidades. Vejamos o gráfico 5.

<sup>28</sup> O programa *Goldvarb 2001* oferece um resultado que soma 99% e não 100%. Optamos por não arredondar os resultados.

Gráfico 5.



O gráfico mostra que, em 'VN', há um aumento de 6% no uso do sujeito pleno, com o percentual de 80% em contraposição ao de 'BH', que é de 74%. Isso parece indicar um avanço em relação a 'BH', ainda que a diferença seja pequena. Um fato que nos chamou a atenção diz respeito ao efeito da escolaridade no uso do pronome 'eles' pleno pelos falantes das duas localidades. Vimos que a baixa escolaridade favorece o uso do 'eles' pleno. Se levarmos em consideração o fato de que os mesmos níveis de escolaridade em áreas centrais e periféricas não se equivalem, muitas vezes, torna-se mais fácil compreender os resultados mostrados no gráfico acima. Por ser a amostra de 'BH' representativa de uma área central, possivelmente os falantes com baixa escolaridade não tenham um comportamento exatamente similar ao comportamento da comunidade de 'VN' e, por isso mesmo, o uso do pronome 'eles' pleno nessa última área seja maior.

#### 4.6.1. As variáveis internas

No *corpus* de ‘VN’ foram selecionadas como estatisticamente significativas as seguintes variáveis: tipo [ $\pm$ determinado] do sujeito, tipo de referência do SN antecedente, tipo de oração e escolaridade.

##### 4.6.1.1. O fator interno: referência [ $\pm$ determinada] do sujeito

Assim como no *corpus* de ‘BH’, a ocorrência do sujeito de 3<sup>a</sup>. pessoa masculino plural em ‘VN’ é favorecida pelo sujeito determinado. A ocorrência do pronome ‘eles’ como sujeito determinado é de (.65), e como sujeito indeterminado é de (.38). Comparando os resultados, verifica-se que o peso relativo de sujeitos determinados é superior ao de sujeitos indeterminados nas duas décadas, atestando a sistematicidade do fenômeno. Além disso, observa-se também a manutenção do peso relativo dos sujeitos indeterminados: (.41) em ‘BH’ e (.38) em ‘VN’.

##### 4.6.1.2. O fator interno: tipo de referência do SN antecedente

Na rodada em que refinamos o fator [indeterminação], identificando quatro subclasses, obtivemos o seguinte resultado.

**Tabela 7. Efeito do tipo de referência do SN antecedente na realização do pronome sujeito ‘eles’, ‘VN’**

	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Genérico	49/65	75%	.54
Coletivo	49/58	84%	.65
Locativo	46/51	90%	.77
Indefinido	110/171	64%	.33
Total	254/345	80%	-

\* Assim como na amostra de ‘BH’, os dados de sujeitos determinados foram excluídos.

Também aqui é possível observar um comportamento muito semelhante com relação ao tipo de SN que antecede o pronome ‘eles’ nos dois *corpora* analisados. Em primeiro lugar, é possível verificar, também, a existência de uma hierarquia de preferências e ainda uma ordenação quanto às formas preferenciais. Veja-se que, nas extremidades, as mesmas classes se repetem.

**(55) ‘VN’: locativa (.77) > coletivo (.65) > genérica (.54) > indefinido (.33)**

Há, entretanto, uma diferença em relação à hierarquia representativa de ‘BH’: a posição do ‘eles’, que retoma um SN com referência genérica, fica mais à direita. Comparem-se a hierarquia em ‘VN’ e a hierarquia em ‘BH’, apresentada na seção 4.5., abaixo repetida para efeito de comparação.

‘VN’: locativa (.77) > coletivo (.65) > genérica (.54) > indefinido (.33)

‘BH’: locativo (.84) > genérico (.81) > coletivo(.54) > indefinido (.22)

Em ‘VN’ a classe dos genéricos precede imediatamente a classe dos indefinidos. Esse fato é muito interessante quando levamos em consideração a sutileza na distinção de um SN com referência coletiva ou genérica, ou seja, o primeiro caracteriza um grupo de indivíduos e o segundo, uma classe de indivíduos, o que poderia justificar a oscilação de suas posições na hierarquia. Isso, entretanto, não enfraquece nossa análise de que o ‘eles’ pleno apresenta graus diferentes de indeterminação, com os grupo do sujeito indeterminado, propriamente dito, ocupando a posição mais à direita nessa hierarquia.

Outro fato importante que merece ser destacado diz respeito aos pesos relativos encontrados para o grupo dos indefinidos. No *corpus* ‘VN’ encontramos (.33) para o grupo dos indefinidos; no *corpus* ‘BH’ o peso relativo encontrado foi de (.22), revelando um uso mais sistemático em ‘VN’ para a classe dos indefinidos. Por ser essa uma região periférica de Belo Horizonte, pode ser que, nesta área, esteja interferindo a força do fator escolaridade, que vimos ser significativo.

Antes de encerrar essa seção gostaríamos de relatar que realizamos mais uma rodada em que inserimos as subclasses apresentadas nas hierarquias de preferências. Nessa nova rodada inserimos a classe dos definidos. Obtivemos para os definidos o mesmo peso relativo exibido pelos locativos. A hierarquia resultante foi: definido (.67), locativo (.67), coletivo (.52), genérico (.40) e indefinido (.22). Esse último resultado será analisado no capítulo V.

#### 4.6.1.3. O fator interno: tipo de oração

O fator interno, tipo de oração, compreende as orações principais e as orações encaixadas. Vejamos a tabela 8.

**Tabela 8. Efeito do fator interno: tipo de oração**

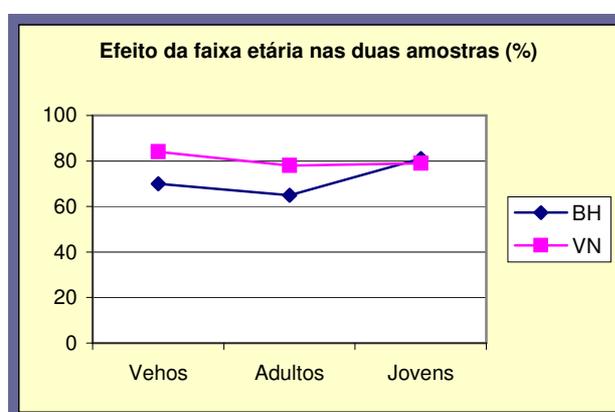
	Nº. de Ocorrências/Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Or. Principal	352/450	78%	.43
Or. Encaixada	145/166	87%	.65
Total	497/616	80%	-

Os resultados mostram que se trata de um processo que atinge as orações encaixadas de modo mais incisivo. O peso relativo de (.65), nas orações encaixadas, é superior ao peso relativo de ocorrências nas orações principais, que é de (.43). Esse resultado é consistente com

o resultado relativo a faixa etária. Nesta amostra, não se verifica um perfil de mudança em progresso, assim não seria mesmo esperado que as orações principais apresentassem peso relativo maior.

Uma comparação do efeito da faixa etária nos dois *corpora* só foi possível mediante uma comparação dos resultados em porcentagem, já que, na amostra de ‘VN’, esse fator não foi selecionado pelo programa. Vejamos o gráfico 6.

**Gráfico 6.**



O gráfico mostra que o perfil de mudança em progresso encontrado em ‘BH’ não se verifica em ‘VN’. Isso nos leva a hipotetizar que o fenômeno esteja mais adiantado nessa localidade.

#### 4.7. Conclusões

Conforme pôde ser observado nos dois *corpora*, o pronome ‘eles’ é usado para expressar tanto sujeito determinado como indeterminado no português falado nas duas áreas de Belo Horizonte, sendo maior a sua ocorrência quando o sujeito é determinado. Viu-se que a

ocorrência do ‘eles’ pleno indeterminado é semelhante nas duas amostras, embora diferente em relação ao uso do pronome que retoma o SN genérico.

Outra conclusão a que chegamos diz respeito à presença de uma hierarquia de preferências, que vimos ser semelhante nas duas amostras, o que reforça a sistematicidade do fenômeno.

Por fim, verificamos que o pronome ‘eles’ pleno teve aumento de frequência de uso com base no tempo aparente somente na amostra ‘BH’, que é representativa de área central de Belo Horizonte.

## 5. NOSSOS RESULTADOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES

### 5.1. Reflexões sobre a realização do sujeito no PB

Vários estudos quantitativos sobre o PB têm documentado um aumento significativo na realização do sujeito pleno, ainda que o sujeito pronominal tenha referência definida ou arbitrária (cf. Duarte, 1995, e outros). Segundo a autora, essa mudança atinge principalmente os pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural; a 3ª. pessoa é afetada, embora seja um contexto de resistência

Nossos resultados sobre a 3ª. pessoa do plural fornecem evidências de que a mudança iniciada nas 1ª. e 2ª. pessoas continua sendo implementada, atingindo também a 3ª. pessoa.

**Tabela 9. Frequência de sujeito lexicalmente realizado nas três pessoas do singular, no período de 1845-1992**

Tempo	1845	1882	1918	1937	1995	1975	1992
1ª. p.s	32%	24%	20%	40%	50%	62%	80%
2ª. p.s	18%	30%	39%	87%	86%	87%	82%
3ª. p.s	30%	52%	50%	41%	50%	60%	55%

Fonte: Duarte, 1993, p. 117.

Observa-se aqui uma mudança em progresso no tempo real. A partir de 1937, esta mudança afeta mais intensamente a 2ª. pessoa, atingindo um percentual de 82% de sujeito pleno em 1992; em seguida aparece a 1ª. pessoa, com 80% e a 3ª. pessoa é a única que se mostra mais resistente à mudança, com 55% de sujeito pleno em 1992. São identificadas neste trabalho ocorrências de sujeitos com referência definida e também arbitrária. A identificação do uso pronominal com referência indefinida constitui uma contribuição importante daquele trabalho para a pesquisa que realizamos aqui.

Duarte (1995) analisa 1756 dados de fala de 13 informantes cariocas com formação universitária, distribuídos em três grupos etários: (1) 59-74 anos, (2) 45-53 anos, (3) 25-32 anos, o que permitiria, segundo a autora, observar a mudança com base no tempo aparente. Do total de dados analisado, 5,2 % da amostra é composta por sujeito com referência indefinida ou arbitrária.

Em outro estudo, Duarte e Lopes (2002) explicitam que, o número de ocorrências de sujeito de 3ª. pessoa do plural encontrado em cartas de leitores e redatores no *corpus* de cartas do século XIX, é muito baixo. Do total de 998 dados arrolados, 70 ocorrências são de 3ª. pessoa no plural, e apenas 03 dessas ocorrências são plenas. Embora o *corpus* seja de outro século e de outro tipo de texto, isto é, escrito, em contraposição às entrevistas sociolinguísticas que codificamos, os resultados obtidos por Duarte e Lopes permitem entrever o quase desuso de ‘eles’ com referência arbitrária verificado no século XIX.

## **5.2. A indeterminação e o preenchimento no PB**

O uso do pronome ‘eles’ contribui para o aumento de preenchimento do sujeito no português brasileiro atual. Nossos resultados com base no tempo aparente permitem constatar ter havido, na amostra de ‘BH’, um aumento significativo no preenchimento de sujeito definido e arbitrário.

Estudos recentes chamam a atenção para o fato de que se observam *formas pronominais (expressas ou nulas) para a representação de sujeitos indeterminados no PB atual, enquanto no PE se privilegiam as construções com ‘se’ para expressar a*

*indeterminação do sujeito*<sup>29</sup>. Assim, nosso estudo sobre o pronome ‘eles’ indeterminado contribui para o detalhamento de uma das diferenças entre os dois dialetos do Português.

Duarte, Kato & Barbosa (2000, p.2) optam por excluir as sentenças finitas indeterminadas com verbos na 3ª. pessoa do plural por causa de sua baixa ocorrência; lê-se: *foram excluídas as indeterminações com verbo na terceira pessoa do plural, tanto pela sua baixa ocorrência quanto pela especificidade no uso dessa estratégia que, em geral, exclui o falante*. Veja-se que é exatamente o contexto excluído pelas autoras aquele que selecionamos como objeto de análise.

Nossa pesquisa permitiu apresentar evidências de natureza quantitativa de que o pronome pleno de 3ª. pessoa do plural apresenta-se como a forma preferida pelos falantes de Belo Horizonte, quer na amostra de ‘BH’, quer na amostra de ‘VN’. Por isso, é razoável supor que, a 3ª. pessoa está, ainda que lentamente, deixando de ser um contexto de resistência, pois o percentual de preenchimento foi de 74% na amostra de ‘BH’ e de 80% na amostra de ‘VN’.

### **5.3. Reinterpretando os resultados**

O reconhecimento de que o preenchimento de sujeito é condicionado pelo tipo de referência pronominal constitui o tema desenvolvido por Cyrino, Kato e Duarte (2000), em relação ao PB. Conforme anunciado na introdução, as autoras apresentaram uma hierarquia referencial e atestam o reconhecimento de uma escala de definitude, assinalado em que ponto dessa hierarquia estaria o processo de mudança pelo qual passa o PB. Nosso propósito na presente seção é retomar a hierarquia apresentada pelas autoras e explicitar a contribuição de nossos resultados em relação a esse tema.

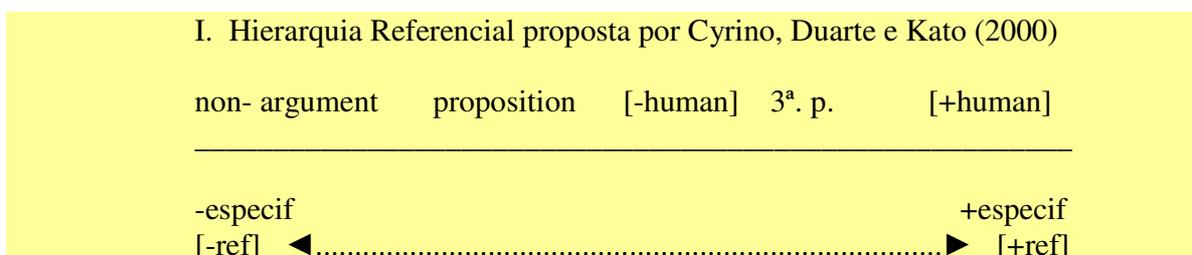
---

<sup>29</sup> DUARTE, M. E. L.; KATO, A; BARBOSA, P. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, março, 2001.

### 5.3.1. Hierarquia referencial e o pronome ‘eles’

Cyrino, Kato e Duarte (2000) traçaram uma hierarquia referencial mostrando que o ‘status’ referencial do antecedente é um dos fatores que influencia na escolha de uma forma plena ou nula em línguas que possuem a opção interna de variantes nulas ou plenas como sujeito.

Segundo as autoras, argumentos [+N, +humano] ocupam uma posição mais alta na hierarquia referencial, e os não argumentos ocupam uma posição mais baixa. Dessa forma, os pronomes de 1ª. e 2ª. pessoas - ‘eu’ e ‘você’, respectivamente, por serem inerentemente humanos, estariam em posições mais altas na hierarquia, enquanto o pronome de 3ª. pessoa, que se refere a uma proposição, estaria numa posição mais baixa; a entidade [-animada] estaria numa posição intermediária, conforme pode ser visto a seguir.



Esta hierarquia, que foi proposta para descrever a sistematicidade de sujeitos visíveis e clíticos invisíveis, constitui um quadro importante para a descrição da variável pronome pleno/pronome zero, em análise aqui. Vejamos.

Inicialmente é preciso registrar que as ocorrências de ‘eles’ pleno [-humano] reforçam a colocação da 3ª. pessoa numa posição mais à esquerda e separada das pessoas de 1ª. e 2ª, exibida na hierarquia (I).

### 5.3.2. Escala de preferências de uso do pronome ‘eles’

Pensando nesta hierarquia referencial, surgem algumas questões:

1. Seria possível traçar uma hierarquia referencial para o pronome pleno de 3ª. pessoa masculino plural?
2. Se isso for possível, como seria essa hierarquia?

Conforme vimos no capítulo IV, na seção 4.3.2, verificou-se que o pronome ‘eles’ apresenta uma hierarquia de preferências de realização, que é também um percurso que vai do [+específico], denominado “determinado” para o [-específico], denominado “indeterminado”. Os pesos relativos obtidos na subclassificação dos indeterminados parecem permitir o detalhamento na hierarquia, acrescentando uma gradação no eixo referente à especificidade, tal como em (II)

#### II. Hierarquia Referencial incluindo sujeitos indeterminados de 3ª. pessoa masculino plural

Não-argumento	proposição [-humano] [	+humano	]
	3ª.p.		1ª. e 2ª. p.
-espec.			+espec.
[-ref] ◀	.....		[+ref]
[-def]	[+indef... +gen...+col... +loc...]		[+def]

O fato de a ordem de preferências pelo preenchimento do sujeito com o pronome ‘eles’ caminhar da direita para esquerda nesta hierarquia constitui uma evidência da força do condicionamento semântico sobre a variável em estudo. A harmonia entre a hierarquia (I) e a gradação obtida com base nos pesos relativos constitui uma evidência a mais a favor da correlação entre o pronome ‘eles’ e o fenômeno mais geral de preenchimento. Além disso, a própria hierarquia (I), por sua vez, é reafirmada.

Desse modo, a hierarquia proposta por Cyrino, Duarte & Kato (op.cit.) merece ser detalhada de modo a incluir as subclasses por nós identificadas, o que facilitará certamente a análise e a codificação de dados em outros estudos quantitativos sobre esse tema.

Outra forma possível de explicitar os diferentes graus de indeterminação do pronome ‘eles’ poderia ser formalizada através de uma hierarquia de traços. Essa hierarquia poderia ser assim descrita:

### III. Hierarquia de traços do pronome ‘eles’

Determinado	Indeterminado	Indeterminado propriamente dito
[+referencial]	[+referencial]	[+referencial]
[±humano]	[+humano]	[+humano]
[+definido]	[-definido]	[-definido]
[+específico]	[+específico]	[-específico]

Entretanto, essa hierarquia permitiria capturar apenas três graus de determinação/indeterminação do sujeito através do pronome ‘eles’, o que nos leva a afirmar que a hierarquia apresentada em (II) permite compreender o fenômeno de indeterminação de forma mais abrangente. Essa hierarquia de traços nos remete às categorias de Brown e Yule.

### 5.3.3. As categorias de indeterminação

Micheletti e Franchetti (1996) classificaram as ocorrências encontradas em sua amostra em três graus: (1) indeterminação com pistas referenciais no texto; (2) indeterminação com pistas referenciais imersas no contexto; e (3) ausência de pistas. As autoras, porém, apenas atestam o caráter indeterminado do ‘eles’, sem sistematizar de que forma sua ocorrência estaria condicionada pelo tipo de SN antecedente na sentença. Se retomarmos os exemplos citados, veremos que se encaixam nas subclasses locativo, genérico, coletivo e indefinido, propostas aqui com o propósito de refinar a noção de indeterminação.

No exemplo (7), aqui apresentado como (56), as autoras afirmam que o contexto situacional não é responsável pela identificação da referência do sujeito. É o próprio contexto lingüístico que nos dá pistas para que o pronome ‘eles’ seja interpretado.

- (56) *Eu vi uma livraria uma vez e perguntei se havia um dicionário quer dizer eu vi o dicionário que eu queria num tamanho num tamanho grande grandão e eu queria um tamanho menor né (...) eu fui perguntar se eles tinham aquele mesmo dicionário num tamanho menor a moça da livraria respondeu ‘nós só temos o que está à mostra’.*  
(A1,59) - (M&F, 1996, p.16)

Mais uma vez, as autoras não relacionam a ocorrência do pronome ‘eles’ indeterminado ao tipo do SN ‘livraria’, um locativo, que o precede e assim ajuda inferir o conteúdo do pronome ‘eles’. Micheletti & Franchetti parecem estar mais interessadas em mostrar que não há obrigatoriedade de se ter uma identidade de classe gramatical entre o item retomado pelo pronome e o pronome propriamente dito.

Entretanto, a relevância do SN antecedente não é ignorada pelas autoras. Elas apresentam uma categorização de pronomes indeterminados, extraída de Brown e Yule. Retomemos essa categorização aqui.

Conforme vimos no capítulo I, estes autores identificam três categorias: (a) anáfora textual típica; (b) expressão predicativa antecedente; e (c) novos predicados. Veja-se que estas categorias correspondem, respectivamente, às classes que denominamos, respectivamente, (a') SN antecedente definido, (b') SNs locativos/coletivos/genéricos e (c') os pronomes indefinidos propriamente ditos. Como se pode observar em (b'), nossa proposta fornece uma contribuição à categorização tripartite de Brown e Yule na medida em que fornece um detalhamento da categoria (b). Nesse sentido, nosso estudo mostra que, de fato, a indeterminação do sujeito deve ser pensada como um *continuum* na medida que as categorias de indeterminação podem ser detalhadas como subclasses.

Feitas estas considerações, passemos à conclusão final de nosso trabalho.

## CONCLUSÃO

---

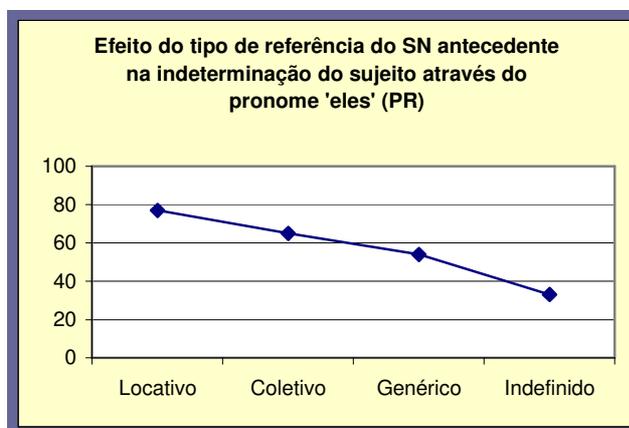
Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.

(Rosa, J. G. 2001, p.39)

Considerando um quadro mais geral de indeterminação do sujeito no português brasileiro, vimos que as gramáticas tradicionais não descrevem todos os recursos que a língua dispõe para indeterminar o sujeito. Foi possível mostrar também que o uso do pronome ‘eles’ constitui um recurso natural para indeterminar o sujeito na fala belorizontina e que seu uso segue um percurso previsto numa hierarquia de indeterminação, que vai do [+determinado] ao [-determinado]. Vimos, por fim, que a indeterminação do sujeito através do pronome ‘eles’ contribui para o fenômeno de preenchimento do sujeito no PB atual, uma vez que as porcentagens de uso do pronome ‘eles’ pleno nas duas amostras investigadas – ‘BH’ (74%) e ‘VN’ (80%), são altas, considerando ainda que o falante usa a forma plena em contextos que antes eram tradicionalmente ocupados pela forma vazia de 3<sup>a</sup>. pessoa no plural.

Os resultados evidenciam que há diferentes graus de indeterminação do sujeito. O contexto lingüístico que antecede o pronome ‘eles’ condiciona sua probabilidade de realização morfofonética. Ao retomar diferentes tipos de SNs antecedentes, o pronome ‘eles’ apresenta graus distintos de indeterminação, o que nos permite identificar um *continuum* quantitativamente documentado em pesos relativos. Veja-se o gráfico 7.

Gráfico 7



\* Gráfico com base na amostra 'VN'<sup>30</sup>.

Com base nessa hierarquia, foi possível explicitar os contextos lingüísticos de maior e de menor resistência ao preenchimento do sujeito pelo pronome 'eles'. O grupo dos SNs [+locativo] é o que mais favorece a ocorrência do 'eles' pleno com propriedades de sujeito indeterminado; em seguida, tem-se o grupo dos antecedentes [+coletivo] e, num estágio mais avançado de indeterminação, tem-se o grupo [+genérico]. Esse percurso da variante plena mostra que o pronome 'eles' está adquirindo a possibilidade de se referir a uma classe inteira de indivíduos, e também a uma classe inferida a partir de um item explícito no texto e, mais ainda, a uma classe ou grupo inferido, ainda que nenhum item explicitado no texto possa ser apontado como seu antecedente.

Em outras palavras, o pronome 'eles' parece estar caminhando numa trajetória que é familiar aos estudiosos da gramaticalização: um item vai se tornando cada mais abstrato, caminhando na direção da perda de conteúdo referencial.

<sup>30</sup> Por ser a amostra 'VN' mais robusta, optamos por utilizar na conclusão deste estudo a escala de preferências para a ocorrência do pronome 'eles' indeterminador do sujeito no português falado em Belo Horizonte com base nessa amostra.

**REFERÊNCIAS**

---

- ALI, S. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- ALMEIDA, M. L. L. *Sujeito indeterminado na fala*. Tese (doutorado). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- ALVES, N. *Formas de Indeterminação do Sujeito*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- ANDRADE, C. D. *Antologia Poética*. 53ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ARAÚJO, Leonardo Eustáquio Siqueira. *Varição em Locativos no Português de Belo Horizonte: estudo sociolingüístico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1977.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 31ª ed. São Paulo: Nacional, 1988.
- BROWN, Giulian; YULE, George. *Discourse Analyses*. Cambridge University Press, Cambridge, 1983. p. 215
- CALABRESE, A. Pronomina: some properties of the italian pronominal system. In: N. Fukui, T. Rapoport & E. Sagey (eds.) *MIT Working papers in Linguistics*, 8. 1-46, 1986.
- CÂMARA JR, J. M. Considerações sobre o gênero em português. In: *Dispensos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.115-129, 1972.
- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 8ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 10ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- CEDERGREEN, Henrietta. *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. Unpublished Cornell University dissertation, 1973.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1994.

CORRÊA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolingüística*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1998.

COSTA, J. R. *Toponímia de Minas Gerais: um estudo histórico da Divisão Territorial e Administrativa*. Belo Horizonte, BDMG Cultural, 1997.

CUESTA, P. V. & MENDES, M. A. *Gramática Portuguesa*. Madrid: Gredos, 1961.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1978.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. S. *Indeterminação pronominal do sujeito*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, 1993. [mimeo]

CYRINO, S. M. L., DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. IN: Kato & Negrão (Ed.). *Brazilian portuguese and null subject parameter*. Madri: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Verveurt, 2000. p. 53-73

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Robert e Kato (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1995.

DUARTE, M. E. L., KATO, A. & BARBOSA, P. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, março, 2001.

DUARTE, M. E. L., LOPES, C. R. S. “Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX. In: Duarte & Callou. (orgs.) *etti alli. Para a história do português Brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos - Vol. IV*, Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2002.

DU BOIS, Jean et al. *Diccionario de Lingüística*. 5ª.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

FERNANDES SORIANO, O. (1989). Strong pronouns in Null Subject languages and The Avoid Pronoun Principle. In: P. Branigan *et alli* (eds.) *MIT Working papers in Linguistics*, .11. 228-239

FERREIRA, F.P.M. Evolução Urbana e Demográfica do Envelhecimento em Belo Horizonte. In: *IX Seminário sobre a Economia Mineira*. Belo Horizonte, 2001.

FRANÇA, J. L. *et al.* *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 6ª.ed. ver. ed. ampl. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

GRYNER, H.; OMENA, N. P. A interferência das variáveis semânticas. In: Mollica e Braga (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

GUY, G. R. Variations in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: W. Labov (ed.), *Location Language in Time and Space*. New York: academic Press, 1980.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Longman, London, 1976.

JOTA, Z. S. *Diccionario de Lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistic, 1966a.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. The Study of language in its social context. In: *Sociolinguistic Patterns*. 3ª ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge university Press, v.2, 1977.

MARTINS, J. W. Gênero? In: *Revista Brasileira de Lingüística*. Petrópolis; Vozes, n. 2, p. 3-8, 1975.

MELO, G. C. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1978.

MICHELETTI, H.; FRANCHETTI, S. A Indeterminação do Sujeito: um estudo Sociolinguístico. IN: *Anais do XXV Seminário do GEL*. Taubaté, São Paulo, 1996. p. 629-635

MONTE-MÒR, R. L. M.; PAULA, J. A. de. *As três invenções de Belo Horizonte*. Anuário Estatístico de Belo Horizonte, Belo Horizonte, v.1, p. 27-29, 2000.

MÜLLER, A. A Expressão da Genericidade nas Línguas Naturais. In: Müller; Negrão & Foltran (orgs.) *Semântica Formal*. São Paulo. Ed. Contexto, 2003. p. 153-172

- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatísticos. In: Mollica & Braga. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.15-26
- PAIVA, M.C.A.; DUARTE, M.E.L. *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003
- PAIVA, M.C.A.; DUARTE, M.E.L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: *Mudança Lingüística: fundamentos empíricos para uma teoria da variação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 131-149
- RAMOS, J. Mais um pronome em processo de cliticização: o par eles/es. In: Vitral e Ramos (orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; & TAGLIAMONTE, S. *GOLDVARB2001*. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em 26 de jun. 2006.
- ROCHA, A. A. *Gramática e Linguagem: curso de português*. Belo Horizonte: Vigília, 1984.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 32ª ed., Rio: José Olympio, 1968.
- ROLLEMBERG, V. et alli. Os Pronomes Pessoais e a Indeterminação do Sujeito na Norma Culta de Salvador. In: *Estudos Lingüísticos e Literários II*. Salvador, UFBA, 1991. p. 53-74
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SACCONI, L. A. *Gramática em tempo de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- SILVA, A. M. *Lembranças*. Venda Nova, Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 2000.
- SILVA, G. M. de O. Coleta de Dados. In: Mollica & Braga. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.124-125
- TANNEN, D. *Coherence in spoken and Written Discourse*. Ablex, New Jersey, 1984.
- TARALLO, F.L. Diagnosticando uma gramática brasileira. In: Kato, M. & Roberts, I. (eds) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Editora da Unicamp, SP, Brasil, 1993.
- TARALLO, F.L. *A Pesquisa Sociolinguística*. 7ª. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974b.

ZÁGARI, M.R.L. Os Falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Aguilera, V. (org.) *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da Mudança Lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 151 p. Título original: *Empirical foundations for a theory of language change*.

## ANEXOS

## ANEXO 1

---

**1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Autorizo a utilização da entrevista dada por mim para fins de pesquisa a Elizete Maria de Souza, aluna da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e de que esta pesquisa relaciona-se ao estudo da variação lingüística na cidade de Belo Horizonte.

Estou ciente também de que a minha participação na pesquisa é voluntária e de que meu nome não será divulgado. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome do documentador: Elizete Maria de Souza

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

## 2. ROTEIRO DE ENTREVISTA<sup>31</sup>

- 1- Você sempre morou em Belo Horizonte?
- 2- Há quanto tempo você vive em Belo Horizonte?
- 3- Como foi a sua infância?
- 4- Quais eram as suas brincadeiras preferidas?
- 5- Você tem boas lembranças do seu tempo de escola?
- 6- Você se recorda de algum acontecimento interessante da sua época de aluno?
- 7- Você sente saudade do seu tempo de escola?
- 8- Você sente saudades de outras coisas na sua vida?
- 9- O que mudou na sua vida depois que você cresceu?
- 10- Você gosta de viajar?
- 11- Como foi a viagem mais interessante que você já fez?
- 12- Você ou alguém da sua família já sofreu algum acidente?
- 13- Você já passou por alguma situação de risco de vida?<sup>32</sup>
- 14- Você já experimentou uma sensação de rara felicidade?
- 15- Você já ficou muito indignado com alguma coisa?
- 16- Qual o esporte que você mais gosta?
- 17- Você pratica algum tipo de esporte?
- 18- O que você faz pra manter a saúde em dia?
- 19- O que você acha da política brasileira?
- 20- Você acha que tem muita coisa errada na política do Brasil?
- 21- O que falta para o Brasil ser um país melhor?
- 22- Você assiste algum programa de televisão?
- 23- Qual o seu lazer predileto?
- 24- Aonde você costuma se divertir?
- 25- Você gostaria de falar de algum assunto que não mencionei?

---

<sup>31</sup> O Roteiro de Entrevista deve ser apenas um roteiro mental com algumas sugestões/lembretes de alguns assuntos para o momento da conversa com os informantes.

<sup>32</sup> O termo 'risco de morte' tem sido muito usado pelos tele-jornalistas, mas o senso comum ainda considera mais natural o termo 'risco de vida'. Pude constatar isso através de pergunta a dezenas de falantes, em situações distintas das entrevistas, sobre qual a forma usada para dizer que alguém quase morreu.

### 3. DADOS DE SNs COM REFERÊNCIA GENÉRICA<sup>33</sup>

O Epa) hoje em dia eles tem a preferência de mesclar  
 O assaltante num sei se é porque eles são meio retardados  
 Eles são meio assim sem pudor nenhum  
 Eles chegaram num teve muita história  
 Já chegaram o caixa tava com um cliente idoso  
 Eles me ligaram  
 Eu até mandei a chave pra eles abrirem meu armário  
 Se eles não quiserem fazer acordo comigo  
 Inclusive eles foram no velório do meu tio  
 Nunca vi viado cumê tanto a dona T. disse que eles num tem fundo  
 Como se morassem com pai e mãe  
 As pessoas que ficam lá nas repúblicas são muito legais  
 Eles estão sempre dispostos a te receber  
 ; A Kanechon  
 Agora eles tão com um aqui na Antônio Carlos 60'  
 Eles tão com um aqui  
 Eles falam que vão te dá folga  
 E eles nunca te dão folga  
 ; Quando ta chegado perto da sua folga  
 Eles falam que vão precisa d'ocê  
 Falaram que iam dá cesta básica  
 Num deram cesta básica  
 Falaram que iam faze um plano médico  
 Eles num pagam hora extra  
 ; A empresa... depois dessa pesquisa é que eles vão faze um levantamento  
 Até por essa empresa, então eles deram pra gente uma cidade  
 Então eles dão a hospedagem  
 A empresa... por rua eles determinam o trabalho de campo  
 A empresa... eu ligo e pergunto se eles podem abri o campo  
 As pessoas... ai que eles abaixam as armas de defesa  
 A empresa... eles reembolsavam passagem, hospedagem, alimentação  
 Teria que ta ligano pra eles efetuarem um depósito  
 Se eles falarem assim:: cê vai fazer um trabalho lá no Palmital  
 ; As pessoas têm um arsenal de trabalho muito curto, falam menos  
 Como existem muitas pessoas que saem do nosso país e vão tentar a vida n'outros lugares né?  
 Vão tentar a vida n'outros lugares  
 Na maioria das vezes não voltam  
 Quando voltam::

<sup>33</sup> Alguns dados estão sem o referente genérico devido ao recorte no banco de dados para quantificação.

Saem daqui em busca de um sonho pra realizar um sonho  
Ali eles determinavam oh cê vai ter um período x  
Eles sabem quando aquela pesquisa não é concluída pelo entrevistado  
; Rapaz nenhum servia pra namorar comigo o rapaz passava me via lá  
Então eles ficam doído pra namorar comigo  
Espírito... eles ficam preso aqui na terra por alguma coisa  
É viado demais eles até fizeram um pedaço só pra eles lá agora  
A empresa... eles num querem pagar salário bom pra quem não tem curso superior  
E universitário num qué ganha pouco eles querem ganhar muito andar de carrão  
Hoje em dia eles querem que cê tenha a carteira recheada de dinheiro  
O cara malandro com um jeitão de carioca cê vê que eles pegam uma ginga  
Eu vi o cara falano isso na televisão eles fazem na maior cara de pau  
Já o espírita ele já compreende as pessoas porque um dia eles vão ser tamém  
A igreja católica perseguia muito ele eles iam na casa dele  
Então as pessoas ainda tava no ônibus se formaram no final do ano passado  
Belo Horizonte num existe mais campo gramado, né? São todos praticamente 90% de terra  
Mais:: mais tem vários amigos que tiveram  
Quando viram o pessoal do Chakabum  
As empresas... eles ganharam o auto clave  
Duas semanas depois me ligam  
Colocaram lá eh:: o IBAMA colocou assim aqui pode acampar dez  
Quando chego o carnaval eles chegaram lá tinha mais gente lá  
Gente que chego pra acampar eles mandaram tudo voltá  
Eles tavam lá igual uns loucos  
Eles tão subino lá na Serra  
Sei que eles tavam lá  
Eu vim pra Mendes Junior eles me ficharam mesmo porque meu pai trabalha lá  
Só turista! Eles ficam só lá em cima  
Eles num vem cá em baixo não  
Eles vem é só de manhã  
O médico mato ele fizeram um trem errado lá  
A empresa... então o quê que eles fizeram  
; O sertanejo ele é um sujeito honesto um sujeito de palavra  
Eles plantam feijão numa terra que cê num acredita que vai dá feijão  
O sertanejo é um cara muito bão eles confiam na sua palavra  
Chega no final da vida eles num fizeram nada

#### 4. DADOS DE SNs COM REFERÊNCIA COLETIVA<sup>34</sup>

O pessoal muito num mora mais aqui eles eram cinco  
 Eles moravam ali  
 Aí eles vem  
 Voltaram dos Estados Unidos  
 Esse grupo de dança, eles num eram daqui não eles eram lá do Planalto  
 Nunca tinha tido contato com pessoal de universidade que moram em república  
 Conseguem manter sua vida padrão  
 Quando ele fez 13 anos a família do pai dele levaram ele pra lá  
 Ele saiu daqui pra viver bem e chego lá eles queriam faze dele uma vida de escravo  
 Eles tinham condição de paga ele  
 Tinham condição de dá ele uma vida boa  
 Num davam porque não queriam dar  
 Digamos que juntô uma galera pra trabalha no sábado eles abastecem um tanto de caminhão  
 Então é eles que vão fazendo essa distribuição  
 O pessoal é muito gente boa me tratam com o maior carinho  
 Esse pessoal eles vinham mais aqui  
 A galera tava lá desde cedo eles tinham saído no sábado e num tinham ido em casa  
 O pessoal num tem noção eles vêem muito dinheiro vão gasta vão gasta  
 Eles esquecem que tem que coloca gasolina  
 É um sítio da família do L., eles moram lá  
 O pessoal ta acostumado, eles estão mais eu num to  
 O pessoal da prefeitura, eles tão fazendo uma espécie de reciclagem  
 O povo, na maioria da vezes, eles vendem a baixo custo  
 Eles vieram pr'aquele lugar  
 Num sei se era seis meninos que eles tinham  
 Aí só sobrou esse casal o dia que eles cismavam de brigar de soco  
 O povo de Uberlândia... eles num preocupam com esse negócio  
 Eles num preocupam muito com isso não  
 Eles preocupam com vestir bem comer bem  
 Eu estou lá pra fazer qualquer tipo de serviço que eles pedirem  
 Esse povo de antigamente eles eram severo demais  
 E lá em baixo tinha o pessoal do sô Emílio eles ainda moram ali  
 Um casal... eles foram pega ônibus ali  
 N que o ônibus veio eles foram embora  
 Aquele pessoal do ônibus fica é aqui eles ficam é aqui  
 O pessoal da roça gosta de cumê muito eles num economizam comida  
 Acionaram a polícia

<sup>34</sup> Alguns dados estão sem o antecedente coletivo explícito devido ao recorte no banco de dados para quantificação.

A gente conhece o pessoal aí eles alugam o apartamento mais barato  
O pessoal que comprá um carro 84 eles querem em estado de zero  
Eles põem mil e um obstáculo por causa do pára-brisa  
Eles vão lá e compram um carro praticamente dois anos de uso e não reclamam  
E o zero eles compram lá cheio de coisinha e num reclamam  
O pessoal descia a cachoeira eles desciam a cachoeira em pé  
A última vez que eles foram lá  
E nisso eles tinham que atravessar pro lado de cá  
Tiveram que::  
Tinha uma galera indo eu comprei no mesmo ônibus que eles tavam indo  
Porque foi uma cidade governada quarenta anos por uma mesma família e são todos daqui  
entendeu?  
O povo foi nadar no lagiado eles foram nadar no lagiado  
O pessoal falô assim que eles num entendem o pessoal daqui  
Que eles não têm medo de água  
O tanto de jogador novo que eles compraram (o cruzeiro)  
O pessoal... aí eles ficam tudo metido  
Igual o pessoal de Uberlândia quase todo ano a gente vai lá ou eles vem cá  
Porque eles lá eles tão sozinho  
Eles agora é que tão arrumando os parentes deles lá  
O povo come esses trem? Come eles comem com uma boca boa que é uma beleza  
Eles tacam no burralho  
Eles nem sabem o quê que é paio  
E o coentro que eles tacam no trem?  
O pessoal da Bahia é beleza pra conviver com eles só que eles num tem higiene  
Eles num tem educação  
Não sei o que aconteceu com o pessoal dela se eles ainda moram aí

## 5. DADOS DE SNs COM REFERÊNCIA LOCATIVA<sup>35</sup>

Lá na central eles tão veno  
 Então a pessoa que ta seno assaltada num precisa nem mexe que eles tão veno  
 Porque lá no Epa eles consideravam a minha loja  
 No veterinário...eles dão anestesia geral  
 No museu da Inconfidência que eles sempre pedem identificação  
 Tem a época que eles abrem p'ras pessoas de fora  
 Quando vai brasileiro pra lá eles também fazem isso  
 Na época que eu fiz era na Rodoban que eles faziam o curso  
 Pra eles vê cume que entra cume que sai  
 Como eu não era de lá (da Receita Federal) eles correram com o pessoal mais antigo  
 Eles correram comigo de lá  
 Ali em cima eles participavam dessas coisas de campeonato  
 Eles iam em outros lugares pra dançar pra competir  
 Pelo menos na associação eles preocupam muito  
 Aí nós fomos na Previdência no domingo eles marcaram pra ela faze um exame naqueles prédios  
 Ele trabalhô umas duas semanas que eles mudaram o horário dele  
 Eles mudaram o horário dele de 15 a meia noite  
 Na casa da filha do home que eles puseram pra fora  
 Aí eu fiquei lá nessa casa, eles me deram a comida conversaram comigo  
 Também lá eles passavam muita dificuldade  
 Eu estou lá pra fazer qualquer tipo de serviço que eles pedirem  
 Outro detalhe importante tanto lá no Ariaú como nesse hotel que nós ficamos eles fazem um tablado tipo um pier de madeira  
 Lá em Caldas Novas fizeram assim uns troncos  
 A gente vê racismo com negro lá eles têm racismo com branco  
 Acho que preto lá eles passam cerol neles  
 Liguei na casa da irmã dele agora eles falaram que ele tava aí  
 Num sei se ocê já percebeu mais na casa dele eles protegem ele muito  
 Acho que protegem muito  
 Lá em casa também é assim agora não eles pararam  
 Eu num montei porque lá na fábrica eles num quiseram me dispensar  
 Na Universal eles ficam com a metade lá  
 Aquela cesta básica que eles davam ela lá  
 Eles traziam aqui em casa de dois eles traziam ela aqui  
 Lá na Savassi eles tão danado pra fazê isso  
 Então qualquer coisinha que vai ter eles tão desviando trânsito  
 Quando tinha dois anos que eu tava lá eles me promoveram a balconista  
 Cê chegava atrasado eles mandavam ocê voltá  
 Então lá em Pedro Leopoldo eles tinham a turma deles

<sup>35</sup> Alguns dados estão sem o referente locativo devido ao recorte para quantificação.

Lá na Bahia a porta da casa abre eles num olham quem é  
Ninguém nota que cê é desconhecido se notá num falam nada  
Na Bahia eles num temperam feijão  
Eles cozinham o feijão  
Na hora que o feijão ta cozido eles chegam e jogá tomate  
Batata frita lá eles num descascam a batata pra fritar  
Do jeito que a batata vem eles num lavam nem nada  
Na hora que a água tá fervendo eles vem e pica o arroz no meio  
Antes do arroz cozinhá eles desligam vai lá na peneira e escorre  
Que eles não usam alho  
Lá eles num fala gordura eles falam é graxa  
Eles foram pegano os prato  
No Piauí eu fiquei pouco tempo porque eles me chamaram pra:: pra fazer Goiás  
A única coisa de Goiás que é diferente é que eles usam muito açafraão na comida  
Usam muito pequi no arroz  
Lá tem um negócio que eles chamam de guariroba  
O segredo da cozinha baiana é o condimento  
Lá eles usam alho sal coentro azeite  
Eles colocam camarão no meio  
A comida lá (no Recôncavo) é assim eles põem um panelão lá pra esquentar  
Eles num sabem afogar o arroz não  
Na Tambasa eu trabalhei um mês supervisor é o seguinte a venda ta ruim eles contratam o  
supervisor pra levantar a venda  
Eles mandaram a comissão dele